OS REPROBOS

PQ
9261
P548R46
1870
c.1
ROBARTS

OS

REPROBOS

POR

ADRIANO ANTHERO DE SOUSA PINTO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

Ao meu amigo Luiz Carlos Simões Ferreira

Ha muito já que os prologos foram banidos das chancellarias litterarias. O nosso seculo, eminentemente substancioso e progressivo, corta cada vez mais as excrescencias, de qualquer genero que sejam; tendo unicamente por mira a verdade simples como o absoluto que a substancía, concisa como expressão synthetica que é de tudo o que ha grande, eterno e sublime.

Nos tempos em que se adorava por excellencia a belleza plastica, em que o espirito gemia atrophiado sob o predominio da materia, os prologos tiveram, e deviam ter, um culto universal; havia nelles como a roupagem do pensamento total que predominava no livro; eram como a estatua profana levantada nas portas d'um templo. A exuberancia de formas, a superfluidade de ornatos nunca era de mais nesses tempos, em que o espirito geralmente não podia ir direito ao sol: precisava tactear primeiro a atmo-

sphera, para depois se não perder nos nevoeiros que surgissem.

Assim vemos nos primeiros tempos da Grecia a figura do prologo obrigada nas peças dramaticas. Depois, á proporção que os gregos foram caminhando e progredindo, a arte dramatica foi-se emancipando tambem d'esse jugo pesado e inutil. Aristophanes, esse vulto grandioso, que apenas desmerece para nós em ter sido causa indirecta da morte de Socrates, foi o primeiro a dar rebate para a nova era. Plauto, servindo-se dos prologos sómente para obter a attenção dos espectadores, e Terencio, terminando nelles com a parte narrativa, mostram que a humanidade a cada nova transformação ia tambem cortando nessas excrescencias litterarias.

Nos tempos de Luiz XIV, a pezar de quasi acabarem os prologos, o sensualismo dos costumes devia prejudicar necessariamente o devido espiritualismo

da litteratura; e é talvez por isso que Molière em algumas partes nos dá exemplo dos prologos antigos.

Shakspeare retirou os prologos da scena.

Finalmente o prologo dramatico, que tentou ainda reviver aos esforços de A. Dumas, morreu completamente ao sol radiante da moderna geração.

Os prologos dos mysterios, tão usados em França no seculo XV, os prologos das operas, tão frequentes no tempo de Luiz XIV, e que eram, segundo Denne-Baron «um altar á parte e obrigado, onde o poeta queimava o incenso ao grande rei, que este deos de Versailles vinha respirar todos os dias com voluptuoso orgulho», mostram ainda nas suas transformações o principio da simplificação, que preside a todos os elementos da desenvolução social.

A mesma revolução e a mesma tendencia se mostram tambem em outros factos similhantes.

Os preambulos das leis, dos quaes já dizia Seneca «que nada parecia mais frio e inepto do que uma lei carregada d'um prologo», batidos de interdicção em França pelo decreto de 11 de agosto de 1792, têm sido geralmente supprimidos em todas as legislações.

No genero oratorio, aos exordios modelados de Cicero e ás velhas pragmaticas de Quintiliano, succederam os arrojos altivos e infrenes de Castelar e de José Estevão.

Na poesia, ás obrigatorias invocações dos antigos poemas, que fizeram ver a Marmontel um specimen dos prologos dramaticos em Lucrecio e Milton, succedeu um espaço livre de todos os lados, sem área nem limites, como a ave que plana sobre as montanhas, tendo apenas por obstaculo a terra e o céo.

Hoje effectivamente mudaram-se as circumstancias. O caracter moral, que no meu entender mais distingue a actual humanidade, é esta aspiração de

gigante com que ella se afoita no caminho do progresso. Como o Prometheu da fabula, não ha barreiras que a contenham; ergue-se incessante como a vaga, referve de continuo como a espuma, e arroja de todos os lados, como a cratera, a lava ardentissima da sua aspiração infinita. Nesta immensa vertigem, na febre d'esta batalha permanente, calca aos pés as superfluidades; nem sequer olha a areia que boia á superficie do oceano; e prende-se com olhos de aguia ao promontorio que tenta dominal-a.

Que significa pois actualmente um prologo? Ou o auctor confia pouco em si, ou na intelligencia dos leitores: em qualquer dos casos o prologo é para a litteratura, na analyse imparcial do livro recommendado por elle, uma excrescencia ou um insulto.

Na moderna civilisação existe, é verdade, uma cruzada. Cada nome que apparece á superficie é mais um combatente que vem alistar-se nas fileiras do

progresso; cada livro é mais uma arma com que se ha de derrubar o espectro da escuridade. Ha cinco mil annos que a humanidade busca incessantemente a terra sancta da perfectibilidade, e ha tambem cinco seculos que ella, depois de ter dormido largo somno, acordou finalmente no impulso irrequieto d'essa conquista sacrosancta.

Pois bem! Neste fogo indomavel, nesta cruzada constante apresente-se cada peregrino, não carregado como os antigos athletas, mas inoffensivo como os apostolos da verdade. Não ha sangue na lucta, nem se estreitam os corpos— medem-se apenas os espiritos; e para isso é mister que cada um se apresente livre e desembaraçado. São apenas no campo a luz e as trevas, a verdade e a ignorancia; e aquella não precisa de recommendações que a auctorisem, nem de rhapsodias que a estimulem.

Acontece porém na ordem litteraria o mesmo que

na ordem natural. Cada esphera que gyra no espaço tem a sua orbita regular, e de tempos a tempos os cometas, levados na necessidade que os fórça, transviam-se como em delirio nas cumiadas do espaço.

Ao mar marcou Deos no primeiro dia da creação a praia como balisa, e é certo que varias vezes a infrene convulsão de seu seio o tem revoltado contra a lei que lhe preside.

O vulcão que se queima, como a inveja, no fogo da sua ira, tem como leito de Procusto a cratera onde referve; e de periodos a periodos galga as serranias que o escondem, transpõe os diques que o reprezam, e vai escumante de effervescencia, sem lei e sem norte, nas praias do seu leito.

Para mim o mesmo caso. Era preciso de algum modo justificar o titulo do meu poema, titulo com que me acostumei desde as primeiras linhas; com

que o livro foi baptisado na sua infancia; e que eu hoje não poderia mudar sem estremecimento. Alem d'isto preciso nesta occasião de vasar alguma cousa d'este fogo interior que me consome; preciso de destapar num seio amigo a urna da recondita fraternidade que me leva em mysticismo aos reprobos do poema. É por isso que lhe escrevo, meu caro Luiz Carlos, porque sei que se não rirá d'estas pobres linhas, e que terá um olhar de benevolencia para o amigo que lh'as escreve.

Os Reprobos?!... Haverá justificação possivel para este titulo? Transsuda porventura o poema a blasphemia que destroe, o sarcasmo que irrita, numa palavra, desentranha-se das trevas em cantos sacrílegos algum transviado de Deos? Por modo nenhum. O meu amigo notou pelo contrario em todo o livro, na primeira vez que o submetti á sua paciencia, deixe-me assim dizer, o mysticismo da dor que vê Deos

através de cada lagrima, e eleva ao céo em cada suspiro o incenso do martyrio.

A poesia, como tudo que é sublime, deveu sempre edificar, e a luz do inferno nada edifica; hoje porém esta necessidade tornou-se mais urgente e imperiosa.

O nosso seculo, á proporção que se adianta em melhoramentos materiaes, á proporção que revolve como o vulcão a terra que o limita, e quebra como a chrysalida as peias da obscuridade, é innegavel que se atola tambem cada vez mais no lodo que lhe conspurca a alma e o coração. Para contrabalançar a civilisação material e intellectual, surge como terrivel paradoxo a hydra do vicio e da immoralidade; e é certo que neste immenso lodaçal não basta acima de cada fronte o sol da dupla civilisação. É mister portanto levantar para cada individuo uma estrella de crença e de virtude. Sejamos nós os apostolos.

Seja a poesia, com o seu ramo de oliveira e a sua chlamyde impolluta, a sacerdotisa d'esta inauguração. O fogo dos sacrificios ia direito ao céo; que a poesia siga o mesmo rumo, e deixe o scepticismo caminhar para o inferno.

O meu caro Simões Ferreira sabe muito bem que não tem havido reforma importante na sociedade que não tenha sido prégada pelo martyrio. Póde-se dizer que o Capitolio de toda a humanidade está edificado sobre o sangue e os prantos, e que paira continuamente sobre as rochas que o circumdam a espessa nuvem de luctos e de dores.

Neste caso a poesia, como filha dilecta do martyrio, embalada com prantos, fraternisando com os gemidos, identificada emfim com tudo o que é tristeza e dor, tem direitos de sobra á missão sublime.

Quem tem passado através dos seculos, esmagada nas aspirações, refugiada nas catacumbas do seu ge-

nio, comprimida na ancia dos seus arrojos, póde sem vergonha subir ao altar, e apostolisar d'ahi com a experiencia da sua historia. Ora um apostolo deve pelo menos saber afugentar o demonio; e é por isso que eu desejava que os meus cantos fossem como um lago, reflectindo no fundo a imagem de Deos.

Não, meu amigo; o titulo do meu poema não foi vomitado por torrentes do inferno, como diz um escriptor francez por alguns cantos de Byron. *Os Reprobos* é um brado de angustia e fraternidade, a favor d'essa classe opprimida e desgraçada, que o cynismo chama poetas, e a minha recondita experiencia olha como martyres.

Em todas as epochas os grandes romeiros do progresso foram tidos e havidos como visionarios. Christo, o grande visionario da redempção; Colombo, o do novo mundo; Fulton, o da velocidade; finalmente,

Victor Hugo, o visionario da republica, se têm de ser eternamente recordados como satellites do progresso, é que os traços do seu esplendor existem ainda, e hão de existir sempre vivos e indeleveis na alma do homem ou na face do mundo. As nuvens ou o fumo da terra podem esconder o sol, mas os seus effeitos hão de sentir-se necessariamente; ha de aquentar a humanidade, e dar força, vida e seiva á natureza inteira. Assim tem sido com os grandes genios; e não obstante cada geração respectiva os tem apodado de loucos e fechado os olhos quando passa juncto d'elles, para não ver a luz que a deslumbra.

Demais, se o propheta canta em prosa a prophecia do progresso, concebe-se ainda que seja um delirio passageiro; vertigem de fogo que desvaira como a febre, mas que póde levar na sua torrente o escumalho da razão, para deixar sómente o cimento solido e edificante. Ai d'aquelle porém que pregôa em verso

a catechese da civilisação! Recai sobre elle o desprezo dos homens e o anathema do céo, que o marca na frente para o martyrio. Foi a favor d'estes infelizes que num momento de intimas lucubrações tracei sobre o papel a palavra—*Reprobos.*

Não quiz que a perola rolasse eternamente sob os pés da grandeza, sem levantar a favor d'ella um brado de piedade.

Ha entre os homens uma egualdade de sentimentos e desejos, quasi uma fraternidade de sortes, que se me figura como uma cadeia electrica, que transpõe as distancias, vibra através do globo, e por toda a parte, na altura ou no abysmo, na terra ou no mar, cada fuzil estremece ao contacto de outro que o incendeia, cada pedaço repercute as mesmas vibrações e o mesmo destino. É o que se tem dado e dará comigo. Os nomes de Ariosto, Camões, Chatterton e Dante, emfim dos grandes martyres da poesia, fize-

ram-me sempre estremecer: as vibrações ahi vão impressas no poema.

Ahi tem, Simões Ferreira, o que significa o titulo do meu primeiro livro. Não é brado de maldição, é antes de angustia profunda e de intima piedade.

O entrecho e desenlace do poema darão direito a essa piedade? Não sei.

Deixe, meu caro Luiz Carlos, imaginar-me no banco das sabbatinas, que para nós é o Colliseo, onde se arca peito a peito, se lucta braço a braço, e onde uns combatentes rolam estrangulados sob o peso do vencedor, que recebe nos louvores do presidente a corôa civica dos seus esforços. Lembra-se d'aquella sabbatina em que o nosso sancto e sempre lembrado lente de Direito Publico, depois de esgotada a materia, indicou ao ultimo arguente *um bocadinho de despotismo?* Então tentei eu, por necessidade, sustentar o despotismo; hoje sustento-o

por convicção: não o despotismo do governo, que é o maior attentado que possa imaginar-se depois da crucificação de Christo, mas o despotismo da sorte, o despotismo da fatalidade que se esconde nas trevas como o vampiro, e que fere traiçoeiramente, sem previdencia possivel, como o reptil.

Seja consequencia da nossa actividade, rolando d'abysmo em abysmo, seja insondavel mysterio da Providencia, é certo que ha almas votadas de natureza ao sacrificio terrestre, que se desfolham como o lyrio a cada tufão, que se rasgam em cada silva como a açucena, que são como a concha batidas de cada vaga; numa palavra, que trazem em germen comsigo a imagem do calvario. O Zadig de Voltaire e a Manon Lescaut de Prevost que o digam.

Na ordem vegetal, meu caro amigo, a exuberancia de seiva torna os fructos enfezados e rachiticos; na ordem social tambem a força de vida e de calor

leva e devasta, na sua extravasação, a ventura e existencia. Como o vulcão, refervendo impotente na cratera que o limita, a vida d'aquelle a quem referve na frente alguma faisca do que Horacio chamou *mens divinior,* ha de, mais tarde ou mais cedo, aluir-se necessariamente nas ruinas do incendio que a devora.

O genio é este novo Proteu do martyrio, que se reveste de varias formas na sua peregrinação; que não descança um momento sob o peso do seu angusto fadario, como o Ashawerus das tradições; e a quem o despotismo da sorte gravou no livro dos destinos o *væ victis!* dos romanos.

É esta fatalidade do genio, esta espada de fogo que persegue continuamente os poetas, que justifica, para mim, o pobre reprobo do meu poema. A fatalidade póde, como os sectarios do direito divino, tentar esconder a sua tyrannia e os seus crimes

dentro da legalidade; mas, na essencia, descobre-se facilmente a aspide que envenena, como se descobre a frente do despota através dos brilhantes de uma corôa. No meu livro eu vejo tambem, através dos accidentes voluntarios que levam o pobre trovador, através das circumstancias pessoaes que parecem determinal-o, a lei tremenda que o impelle, a sina de Dante e de Camões a cavar-lhe um abysmo aos pés. É nisto que está a sua justificação.

Adeos, meu caro Simões Ferreira; que, para o futuro, quando a porta de Minerva se fechar sobre a nossa mocidade, se algum dia lançar os olhos sobre estas linhas, ellas lhe tragam uma saudade do amigo que lh'as escreve.

Coimbra, 10 de março de 1870.

CANTO I

O Naufragio

Descai o sol no mar: por crepe as nuvens d'ouro,
as ondas por cantor; e o immenso sorvedouro
entr'abre-se em sepulchro ao rei da creação.
Mortalha que se agita, a vasta solidão
desdobra-se, ao passar do vento que suspira
em lugubre toada...
Arfar d'intima lyra,
que anceio juvenil meu estro reconduz,
nesta hora de saudade, atraz d'ignota luz,
ás nuvens d'outro mundo, ás trevas d'outra edade?!...

Á larva que se agita, ó Deos, por caridade,
ao estro que se inflamma abri-lhe um dia o céo!...
Chrysalidas que sois, poetas, negro véo
acerca-vos de lucto — ephém'ro alvor da gloria!
Romeiros do infinito, aonde a vossa historia?!
Cometas, quem vos olha, augures, quem vos crê?!...
Mostrais a luz ao mundo? É cego que não vê
senão raios do sol! Os esplendores d'alma
só Deos os vê d'alem!... Prophetas, vossa palma,
se a vida se apagou nas sendas do penar,
dizei-me vós qual é? se á perola do mar
cahida sobre o lodo — ao genio viva imagem —
esmagam-na sem ver a lucida miragem
que tem dentro do seio!... Ardentes peregrinos,
ai! Tantalos da gloria, ainda os vossos hymnos
pregôam crença e fé, e em cada geração,
quaes Marios no deserto, a voz da solidão
sómente vos conduz! Perdidos entre o gelo,
Danieis em cada festa, o vosso negro sello
é escripto a fogo e sangue; e o labaro da dôr
vos marca sobre a frente, ó naufragos d'amor!...

Vós sois phantasmas erguidos
por entre as festas do mundo!

Se ás vezes vossos gemidos
lá vão no côro profundo
do murmurar do deserto,
ninguem os ouve de perto,
ninguem da terra os traduz!
Sois como os lyrios: na festa
ninguem os quer; só lhes resta
o cemiterio ou a cruz!

Sibyllas que ninguem ama!
Prophetas que ninguem crê!
Antistes, a vossa chamma
não tem sectarios nem fé!
Estrellas, quem vos envia?!
Auroras d'um novo dia,
quem vos sauda o fulgor?!
Mendigos, quem vos esmola?!
Martyres, quem vos consola,
quem vos orvalha d'amor?!...

Abysmos que ninguem sonda!
Crateras que ninguem desce!
Proscriptos, quem vos acolhe?!
Estatuas, quem vos aquece?!

Sois vagas sem promontorio!
Cruzados, o vosso emporio
não é nos portos d'aqui!
Devotos, não tendes templo!
Poetas, quereis o exemplo
das vossas sortes? — Ouvi:

Nesta hora de saudade, um bello dia,
remava um barco ao largo em mar sereno;
no ar limpido véo,
e a briza a suspirar doce harmonia.
Mas ás vezes encontra-se veneno
na apparencia d'um céo!

Demudou-se depressa o véo celeste...
Foi nuvem fluctuando pardacenta
nas franjas de negrura.
Ó phantasma das sombras, que vieste
por funebre sudario da tormenta,
não turbes a ventura!

Apagou-se de todo cada estrella!...
E essa nuvem com passos de gigante
galgara na amplidão.

Ribombara no grito da procella,
d'envolta pelo espaço, a voz distante
dos echos do trovão.

E um raio se cruzara á luz do inferno,
— o traço acceso no listão doirado —
— anathema de Deos.
E o vento revolvera-se no eterno
bramir da sua raiva, erguendo ousado
sua blasphemia aos céos.

O oceano arrojou com raiva intensa,
sorvendo espuma em cada abysmo, ousada,
horrente voz do mal...
Era guerra de morte, guerra immensa
á natureza; e o largo p'ra a cruzada
dava um canto infernal.

Mais um raio brilhou; e ao fogo ardente
avultaram na crista da montanha
d'uma onda que se ergueu,
alguns vultos em prece refervente,
de joelhos no barco, em dor tamanha
pedindo graça ao céo.

E o barco a desfazer-se de cansaço,
grilhoado na furia do elemento
em duro agonisar;
por escarneo cruel o rir do espaço,
e ao ludibrio satanico do vento,
foi no abysmo rolar...

Rompera a manhã... No espaço
deslumbra manto de gala;
nem leve nuvem se embala
por sobre as boccas do abysmo;
o sol apaga o baptismo
das penedias do mar;
acorda languida a espuma,
e leve incenso de bruma
se espalha em fitas no ar.

Na praia agita-se o povo
num turbilhão apressado;
aqui um grupo se avista,
acorre um outro do lado:
era a vertigem da praça

pedindo dramas ao dia
em seu fervente agitar.

Junctara-se a populaça
nos thronos que a penedia
levanta na beira mar.
Havia corpos na areia;
e a multidão que fluctua
apinha-se em derredor;
que aos indiff'rentes da rua
uma desgraça os enleia,
as mortes servem d'engodo!
Ai! borboletas do lodo,
cegais vossa alma na dor!

Jaziam quatro cadaveres,
despedaçados no chão:
ruinas da tempestade,
destroços do furacão...
A turba um pouco se acalma;
ha pranto já pelos rostos,
ha sentimento no peito.
É que no funebre leito
d'aquelles naufragos mortos

havia grandes da sorte,
que o mundo incensa na morte,
como na vida receia.

A tres a turba pranteia.
Por sobre o estrado d'areia
mais d'um joelho se abate,
e mais d'um corpo fallece;
em alguns labios a prece
a Deos implora o resgate
das suas culpas. Na praia
em cada grupo se ostenta
d'aquelles vultos a gloria;
no povo espalha-se a historia
d'aquelles restos sem luz...
Ai! d'esses putridos nadas
que a multidão apregôa!
Que exemplo tu nos ensinas!
Ás vezes Dantes degradas,
para elevar Catilinas;
que é mais fulgurante a c'rôa
onde mais sangue reluz!...

Um d'elles, d'armas brilhante,

o rosto bronzeo e crestado,
basta fital-o um instante,
para se ver que é soldado.

A turba louca parece
em luctuosa ovação:
ai! que fumo te endoudece,
ó mundo sem coração!...

Ergue-se em volta o renome.
Era uma gloria da guerra
que os potentados da terra
tinham de insignias c'roado.
D'esses raios das batalhas
que têm o throno em mortalhas
e em cadaveres o estrado;
que o mundo chama satellites,
e lhe ergue estatuas na praça;
os astros da populaça
em seu delirio fatal...
Ai! dos cometas de sangue
cruzando na humanidade!
Talvez inda a sociedade
vos chame — os genios do mal!

Um outro a turba o proclama
como um dos Cresos potentes;
d'aquelles que arrojam lama
ao rosto dos indigentes;
que cruzam na multidão,
sem alma, sem coração,
sem escutar a indigencia;
d'esses que o sol da opulencia
não deixa olhar para a treva,
(crueis vampiros que ceva
o sangue dos desgraçados);
e que inda assim vão c'roados
por entre a fome e a nudez,
nos seus carros triumphantes,
cobertos de diamantes,
calcando a miseria aos pés.
D'esses monarchas da sala,
d'essas estatuas de gelo,
a quem o pobre não falla
senão co'a vista no chão.
De rôjo pelos palacios,
querem ser reis nos albergues!
Ó louca turba, porque ergues
tão immer'cida ovação?!...

Esse outro vulto... silencio!
Nem mais um grito nas praças!
As Messalinas devassas
não devem ter quem as chore,
uma só alma que as sinta
com esse pranto sacrilego.
Embora o mundo as adore,
a morte ao menos não minta
com os fastigios cambiantes...

Foi uma gloria d'instantes,
mas que ao sepulchro não desce.
Era dos astros perdidos
que o vicio expelle do abysmo;
um coração sem baptismo,
nas immundicies da lama,
que tantas almas derrama
nas trevas da perdição.
D'essas sereias dolosas
que nos gangrenam as rosas
nascidas no coração.
Uma cratera sem lume,
que nos attrahe para o seio;
uma serpente d'enleio

que nos enrosca a virtude
numa cegueira infernal,
sem lhe dar onde se escude;
falsa miragem que leva
pelos recantos do mal...

E aquella turba a festeja
como rainha sem luz;
não d'esse pranto bemdicto
que leva aljofres á cruz,
mas d'esse fervido culto
que se levanta em tumulto,
como se fosse d'um rei!...

É este o livro do mundo
em suas glorias sem lei!...

Jazia um vulto mais. Nos traços lividos
tormentosa viagem se revela
noutros mares: perdido o mastro e a vela
é batel no resguardo do penar.
Jazia um vulto mais. Uma só lagrima

não desce por incenso ao pobre morto!
Como a pedra arrojada sobre o porto,
só leva como pranto aguas do mar!

Jazia um vulto mais; e a turba attonita
não lhe ergue uma só prece no calvario;
que vê sómente andrajos, por sudario,
e a pallidez por funebre esplendor!...
Jazia um vulto mais; e voz d'um cynico:
«é louco», murmurou pelos ouvidos...
E o mundo não contempla em seus ruidos
verme sem luz no tremedal da dor!

É louco?!... Triste d'aquelle
que o mundo louco appellida!
Ai! pobre d'esse que a vida,
em seu delirio fatal,
lhe vai ás soltas na terra
sem luz, sem alma, sem nada,
como a folha arremeçada
por cima do lodaçal!

Ai! loucos! nautas perdidos
sobre este largo d'abrolhos!

. .

Quem vos ensina os escolhos,
quem vos accende o pharol?!...
Sobre o oceano da vida
correis sem leme e sem norte,
nas trevas da vossa sorte
sem ver um raio do sol!

Oh! perdoae, desgraçados,
se a multidão indiff'rente
não vê, não olha, não sente
a sina que vos conduz!
Se o mundo chama loucura
á vossa c'rôa d'espinhos,
sem perscrutar os caminhos
d'esse calvario sem luz!

Chamam-vos loucos!... Quem sabe
bem tactear-vos por dentro?
Da neve ás vezes no centro
póde forjar-se um vulcão.
Como entre as nuvens do espaço,
do temporal nos horrores,
póde haver luz e fulgores
nas nuvens do coração.

Chamam-vos loucos! E louca
dizem da furia da vaga
quando na rocha se esmaga
nessa attracção infernal!
Chamam-vos loucos! Blasphemia
que a multidão vos profere!
Mas perdoae, que Voltaire
chamava louco a Pascal!

Por vossa c'rôa de martyres,
desgraçados, que baptismo!
Nas vaias do fanatismo
já foi louco Galileu!
Ai! ardentes visionarios
que o mundo cobre d'insultos,
fallai por elles, ó vultos
de Colombo e de Tirteu!

Poetas, astros não vistos
no vosso ingreme traço,
pela memoria de Tasso
prostrae-vos todos no chão!
Ha alli um vulto na areia
qu'a turba louco proclama,

que ninguem olha, nem chama;
e esse louco é vosso irmão...

Eu vou contar-vos a vida
d'esse pobre trovador,
que não tem prantos na turba,
que ninguem olha com dor;
d'esse cadaver desfeito,
que jaz d'areia no leito
por funereo mausoléo!...
E talvez que esta elegia
seja a unica harmonia
que neste mundo colheu.

CANTO II

Estrellas e Flores

O genio traz por lustre o fogo ardente,
que nos accende aos ventos sues da gloria
da vida a pobre flor.
Cometa, no seu traço refulgente
ennegrecem-lhe as nuvens sua historia,
escondem-lhe o fulgor.

Como os astros que se erguem d'entre o abysmo,
que mandam na alvorada a prophecia
da carreira fatal,

assim tambem o genio: por baptismo
as lagrimas sem conto, e a agonia
por abraço infernal.

Votado como antiste ao sacrificio,
esvai-se-lhe alma e vida em holocaustos
á luz da inspiração.
Como a pomba no lodo, sobre o vicio
aperta-se-lhe o peito á mingua de haustos;
cega-o a escuridão.

Sonhara o mundo em luz, e o negro espaço
acerca-o de seu lucto; e o sol a medo
desfaz o negro véo...
Chrysalida morrendo de cansaço,
labora o genio em lugubre degredo
na cata d'outro céo.

Folhas d'um dia, rosas d'alvorada,
que vento vos arroja em breve instante
das ruinas no pó?!
Harmonias do genio, não sois nada!
Sois a rosa num dia deslumbrante,
noutro mirrada e só!

Que o genio traz por lustre o fogo ardente,
que nos accende aos ventos sues da gloria
da vida a pobre flor.
Cometa, no seu traço refulgente
ennegrecem-lhe as nuvens sua historia,
escondem-lhe o fulgor!

É o epitaphio e a historia
dos desgraçados da terra;
dos Prometheus nesta guerra
que o mundo chama viver.
Por dentro luzes e flores,
ridentes crenças e amores;
cá fóra emblemas d'um lyrio,
funereas côres d'um cyrio,
numa palavra: o soffrer.

Alberto, o heroe do poema,
que eu vos mostrei sobre a areia,
era dos pobres que a gloria
até na infancia incendeia.
Contava a mãe que no berço
ficava tempos immerso,
fitando os astros do céo.

Já, na sua alma d'infante,
se enlevava delirante
com mais calor e mais vida,
em frenetica anciedade,
a cada nota perdida
do poema da immensidade.

Em uma noite surgia
a lua toda de gala,
como a hostia da poesia
que a terra incensa d'aroma,
que a briza em cantos embala.
Em volta a lucida coma
de nuvens brancas, lustrosas,
se embalava docemente,
como os cabellos na frente
d'uma donzella d'amor.
Cada estrella, cada flor
d'aquelle sacrario esplendido
era mais terna e sentida.
Era uma noite em que a vida
se sente toda incendida
no culto d'essa trindade
—Deos, o amor e a poesia.

Era uma hora de magia,
um instante de saudade,
que não ha sec'lo na edade
que lhe compense o matiz.
Um dos momentos que a vida,
se póde ser-se, é feliz.

Alberto, ainda criança,
ergueu-se louco, inspirado;
não sei qual intimo brado
lhe acordou no coração
entre o vulcão das ideas;
quebrou na mente as cadeas,
rompeu no peito a prisão...
Desde então a sua sina
é facil de se antever:
vulcão de crôsta que mina
e que mais tarde ou mais cedo
ha de acabar de romper,
e de cobrir d'amarguras
a sua praia fervente;
larva d'esforço impotente
que ha de finar-se ás escuras.

Mais tarde, a luz do destino
deparou-lhe no caminho
como que a estatua d'amores;
não sei se acaso divino,
ou talvez nefasto espinho
occulto por entre as flores;
não sei se o inferno ou se o céo:
que ao raio que fende as nuvens,
ninguem vai marcar-lhe o passo,
ninguem lhe escreve no espaço
a lei que Deos lhe não deu!
Á onda que se revolve
tão livre na immensidade,
quem póde traçar, quem ha de
marcar-lhe a senda no mar?
E o amor é como o raio,
ou como as ondas, altivo;
nunca domado ou captivo,
sem se torcer, nem quebrar!

Foi um archanjo que Alberto
sonhara á luz d'harmonia,
nas estreias da poesia
nas primicias d'esse amor.

Chamava-se Margarida,
como que estrella perdida
neste mar lodoso, incerto,
aquelle astro descoberto
nos cantos do trovador.

Era um archanjo, d'esplendente auréola
nas tranças soltas da doirada coma;
d'incenso a nuvem, das mil flores no aroma;
por hymno, a festa que do val rompeu!
Era um archanjo, suspirando tremula
no seio uns hymnos como d'harpa eolia;
e rescendente de subtil magnolia
em cada sonho que a elevava ao céo!

Era um archanjo, e retratar-se candida
do mundo em roda que a festeja; e canta
nos doces hymnos d'alegria sancta
das mil cadencias que este mundo tem!
Era um archanjo, illuminando os paramos
da triste vida com sua luz divina!
Era um archanjo, transformada a sina,
perdida a patria d'este mundo alem!

Era um archanjo, divinaes volvendo-se
os meigos olhos d'um azul celeste;
e á flor dos labios, como a flor agreste,
perfume virgem de sonhado amor!
Era um archanjo! Celestiaes, angelicas,
as fórmas todas divinaes, airosas;
mas triste sempre: como as brancas rosas,
tingida a face de mortal pallor!

Era um archanjo, a segredar os canticos
que os anjos trinam de celeste enleio,
se alguem lhe ouvisse o murmurar do seio,
essa harpa interna a conversar com Deos!
Era um archanjo, a remirar sorrindo-se
o prado, a relva, o perfumar d'aragem,
perante sempre da feliz miragem
de Deos, dos anjos, d'outra patria e céos!

Ai! era como um sacrario
de saudade e de magia,
descortinando-se timido
em doce melancolia,

E como o alvor do crepusculo
por sobre as folhas do lyrio,
a reflectir-lhe a luz mystica
d'essa imagem do martyrio:

naquellas faces angelicas
não sei que pallido alvor
lhe reflectia o martyrio
das saudades do Senhor.

E, como os affectos intimos
que devem haver no céo,
quantas vezes sobre os labios
um suspiro lhe morreu,

como perfume dulcissimo
das flores do coração,
a rescender-lhe nos halitos
d'uma supplice oração?

Quanta vez o seio tremulo
implorava á luz da lua
o consorcio ardente e pudico
d'alma virgem como a sua?

Que por mais triste e mais pallida
que seja a c'rôa da flor,
não vive sem a luz vivida
do seu sol, do seu amor!...

Ai! era como um sacrario
de saudade e de magia,
descortinando-se mystico
em doce melancolia.

Dera-lhe Deos sobre a terra,
para imagem d'essa vida,
cada flor de margarida
que pelos ermos nasceu;
que, triste assim e saudosa
das lagrimas d'alvorada,
sentia a pobre coitada
tambem saudades do céo!

E no céo tinha um espelho
para a sua alma innocente
em cada estrella fulgente
nas puras noites de verão;
que assim trementes e puros

como o fulgir d'uma estrella,
sentia fulgirem nella
os sonhos do coração!

E no mar em cada perola
que na concha se acalenta,
tal como n'alma sedenta
d'affectos, a luz d'amor,
fadara-lhe Deos um symbolo
d'uma lagrima cahida,
e sobre o seio escondida
nas horas da sua dor.

E tinha por ledo cantico
as harmonias da aragem;
e por lucida miragem
tinha o azul do seu olhar...
Oh! era o celeste emblema
de tudo o que tu já viste
formoso, suave e triste
no céo, na terra e no mar!...

Residia aquelle anjo d'outra vida
alem, ao pé da nuvem prateada
do fumo do casal;
como saudosa flor de margarida,
orvalhada dos prantos da alvorada,
entre as rosas do val.

Era uma casa modesta,
mas com poesia e belleza;
que a todo o canto vegeta
uma flor de violeta.
E por ditoso condão
só lhe bastava a riqueza
das galas do coração.

Só tinha salinha e quarto,
o seu quarto de dormir,
como o sacrario doirado
onde lhe vinha sorrir
aquelle sonho encantado
dos seus suspiros d'amor.

Subiam as trepadeiras
até o vão da janella

— festivas namoradeiras
dos segredos da donzella —.
E abraçando-se na hera,
que se enroscava ás paredes
em mil festões d'esmeralda,
teciam verde grinalda
que em dias de Primavera
se via balancear,
como as tranças d'uma virgem
que a briza solta no ar.

Havia um lago na frente
com sua c'rôa de prata,
em que dois cysnes boiavam
naquelle amor indolente,
naquelle dulcido enleio
que nos indica e retrata
boiar de virgem no seio
um pensamento d'amor.
E, ao vêl-os tão descuidados
por sobre os flocos d'espuma
que das aguas sobre a flor
se baloiçavam trementes,
como as estrellas fulgentes

para aquella agua tão pura,
dirieis dois namorados
por sobre o mar da ventura.

Debruçava-se por cima
como docel de verdura,
uma ramada tecida
por entre silvas e flores
—para imagem d'esta vida
feita de risos e dores—
de ramos de limoeiro,
a prenderem no loureiro
em festões de verde côr.
A um cantinho escondidas,
umas poucas margaridas,
as pobres irmãs tão q'ridas,
as filhas do seu amor.

Mais alem um laranjal
com a c'rôa d'esmeralda,
com essa verde grinalda
dos viços de Portugal.
E depois o prado e a relva,
com a côr do firmamento,

mais o perfume das flores,
exaltando o sentimento,
e embriagando d'amores;
e a poesia que enleia
em toda e qualquer aldeia
da nossa terra natal.

Foi alli que, em noite bella
em que o peito em cada estrella
vai fartar-se de magia
em suave inspiração,
em que o amor e a poesia
refervem no coração,
vira Alberto a Margarida,
enlevando-se esquecida
nas copas do laranjal.

As harmonias da aragem
casavam-se na miragem
da lua que prateava
as tranças d'ouro dispersas
pelo seu collo de neve;
a viração que passava,

vinha furtar-lhe de leve
o perfume aereo e sancto
dos seus suspiros d'amor...
Ai! nem mesmo vale tanto
o puro incenso da flor,
como esse aroma que exhala
um coração de mulher!

O céo vestido de gala,
em cada mystica falla
d'aquelles astros de luz,
naquella doce magia
de seu vivido clarão
era a luz que lhe sorria,
tal como a benção de Deos,
aos sonhos do coração.

Elle a viu assim, e tremulo
sentiu vasar-se-lhe nalma
o fogo que não se acalma,
sem abrigar-se no olhar
que nos attrahe e fascina;
e a amou com todo o amor,
como é louco, e forte, e ardente,

indomavel e fervente
no peito do trovador.

Depois um dia, sem tino,
sem razão, sem luz, sem nada,
com a mente afogueada
no delirio da paixão,
foi ajoelhar-se-lhe aos pés;
perdido, cego, demente,
e no peito refervente
o fogo da inspiração:

«Eu vi-te, Margarida: era á luz pallida
das estrellas, em noite de magia.
Olhavas para os céos,
ás soltas pelo collo a trança madida;
e ás soltas a tua alma te fugia
em saudades a Deos.

«Eu vi-te suspirar! Suave e mystico
se prendera na aragem da campina
esse aroma do seio.
E te arrojaste — louca! sobre o distico
dos astros mil, a ver a tua sina
em myst'rioso enleio.

«Cruzava-se uma estrella. O traço vivido
banhou-te de fulgor; sorriste, ao vel-a
abençoar-te do céo.
E assomou-te nessa hora ao rosto livido
luz intima, ao dizer: «a minha estrella
o astro que Deos me deu?.. »

«Depois choraste!—Sonho do martyrio,
alternativa incerta d'esta vida
que vai do riso á dor!
E eu vi-te assim chorando, pobre lyrio;
e desde então amei-te, Margarida,
amei-te com ardor.»

Amavam-se! E o mundo era um céo, uma aréola,
sorrindo venturas, fallando d'amores,
nas aguas e brizas, nas aves e flores,
no incenso do prado, nas ondas do mar!
Amavam-se! E os astros sorriam-lhe vividos;
a luz fulgia mais bella e saudosa;
e criam que as aguas, os ventos e a rosa
amavam com elles na terra e no mar!

Amavam-se, amavam-se ao alvor do crepusculo,
ao trino das aves nas margens do lago;
aos dulcidos hymnos do cantico vago
da briza morrendo nas quebras do val!
Amavam-se á tarde, partindo-se tepido
o sol moribundo nas cristas da serra;
sem ver, sem ouvir o susurro da terra,
dormindo prendidos num sonho fatal!

Amavam-se á noite, cingindo-se tremulos
no ardente consorcio de fervido abraço,
e, em festa de noivos, essa harpa do espaço
vibrando harmonias, fallando de Deos!
Amavam-se á tarde, de noite e ao crepusculo,
accesos no fogo d'immensa ternura;
e loucos sonhando prazer e ventura
nas aguas e flores, na terra e nos céos!...

Mas o amor é uma folha
do livro da nossa vida,
para ser aberta e lida
ao fulgor d'um céo d'anil,
nos dias de Primavera,
aos hymnos d'uma alvorada;

quando a vida é perfumada
das flores do seu Abril.

São sómente duas paginas:
na primeira — d'ouro e prata,
cada palavra retrata
venturas que os anjos têm;
mas se acaso volta a folha,
ai d'ella que está perdida!
Ai d'ella, de Margarida,
que foi voltal-a tambem!...

Na segunda, já coberta
da pallidez do martyrio,
com os perfumes do lyrio
e do goivo sepulchral;
diluida pelo pranto,
franjada de negras côres,
ha uma historia d'amores,
mas lugubre e funeral!

CANTO III

O Adeos

Deslumbrava na Europa esse relampago
de Bonaparte; o cedro tão gigante
crescia sobre a terra,
para assombral-a toda com a gloria
do seu nome — esse raio fulgurante
da metralha e da guerra!

Fitava-se de horror, com o peito indomito,
esse poema escripto em sangue e fogo
de Lisboa a Moskow.

E a nuvem das batalhas negra e horrida
pairava no Occidente; e prestes, logo,
tormenta rebentou,

com o grasnar do corvo dos cadaveres
no repasto sangrento, que deixava
esse Napoleão
por toda a Europa, que, guerreira, erguia-se;
mas, tremula e cançada, mal ousava
levantar-se do chão.

A Portugal tomou vertigem ebria...
Acordou o leão, de juba solta
e com rugir atroz,
a escaldar-lhe fervente sobre o cerebro
a gloria nossa; e erguendo-se d'envolta
a sombra dos avós.

Alberto foi, enthusiasta e fervido,
a radiar-lhe o fogo da batalha
no rosto, e o sangue quente
a referver-lhe a cada estrondo horrisono
que fallava, nos dobres da metralha,
do meteoro ingente,

junctar-se aos portuguezes, que o satellite
galvanisara prestes na represa
do fogo, que se nutre
escondido nas cinzas; mas que indomito
irrompe, se o atêam... Guerra accesa,
que nos obriga o abutre!

Guerra, voragem sofrega
de sangridos repastos!
Serpente, em cujos rastos
se roja a maldição!
Cratera immensa, indomita,
sedenta de destroços,
que arroja a carne e os ossos,
por lavas do vulcão!

Que abutre ou ebrio espirito
ao mundo e a Deos profana,
apotheose insana
erguendo a ti, algoz?!...
Torpe reptil, rojando-se
em vermes e ruinas,
é certo que fascinas
a turba vil e atroz!

Em quanto a mim, nausea-me
a podridão que cevas...
Poeta — fujo ás trevas:
joven — adoro os soes...
E chamam-se satellites
os histriões da espada!
Satellites do nada
que vos pregoais heroes!...

Quem fechará o vortice
de sangue, fogo e fumo,
que leva-nos sem rumo
em pelago de horror?
Poetas, vinde, apostolos!
A vós essa cruzada:
a luva está lançada,
tomae-a com fervor!

Em vez de carnes putridas,
de cerebros desfeitos,
de craneos, braços, peitos,
tudo revolto em pó,
hasteemos viva e fulgida
a paz da humanidade,

que ao sol da caridade
se torne um povo só!...

Antes do drama de horrores
que vai mostrar-nos a guerra,
vinde commigo, leitores.

Sabeis que o poeta na terra
tem por cruzada sublime
ir de martyrio em martyrio;
como vai de lyrio em lyrio
a briza, bem como a abelha
vai de roseira em roseira.

Pobres poetas, espelha
a vossa existencia inteira
o orvalho, que nunca esquece
qualquer das urzes da serra;
vós sois assim: sobre a terra
é vossa lei definida
dar orvalho a cada f'rida,
allivio a todas as dores...

Antes do drama da guerra
vinde commigo, leitores.

É noite, noite repleta
d'uma tristeza que mata!
Noite c'roando de prata
todo o horisonte em redor!
Na morna briza perpassam
nem sei que tristes gemidos,
só escutados e ouvidos
no mysticismo d'amor!

Sobre a casinha do valle
erma, triste, silenciosa,
timida aragem suspira
uma canção maviosa
d'essa recondita lyra
que os anjos vibram de noite.
Desce morbida e tremente
de cada estrella a pupilla.
O alvor triste da lua
mal rarefaz e scintilla
naquelle tenue ambiente,
que nestas horas fluctua
sobre a casinha deserta.

Essa visão melancolica,
sombria e vaga, desperta
saudade profunda e extrema!
Ao ver de prata o diadema
que a cinge toda, e reveste,
como a lampada celeste
illuminando num templo;
ao ver por funebre cyrio
cada transiucida estrella,
por orgão da noite o vento;
vem-nos logo ao pensamento
que nessa casa singela
pranteia e vive o martyrio...

D'essa casinha na sala,
não sei se amante suspira,
ou se d'archanjos na lyra
alguma endecha se embala!

«Eu venho dizer-te adeos...
Mas não chores, Margarida,
que mal sabes como a vida
vai levar-me a outros céos...
Tu bem vês que sou soldado;

e quando da patria o brado
nos pede o sangue e o braço,
todo aquelle que é seu filho,
embora se quebre o laço
que lhe prenda o coração,
se nutre sangue no peito,
deve erguer-se por caudilho,
para ver cahir desfeito
o jugo da escravidão...

«Que o leão levante a frente,
quando as aguias altaneiras,
vem acordal-o do somno!
Ao tremular das bandeiras
travemos todos da espada;
unamo-nos na cruzada
da nossa patria e dever!...
Mas não chores! Tem esp'rança
no meu àmor, no futuro...
Se não morrer, eu te juro
de vir um dia, coitada,
depor-te aos pés esta espada...
Se morrer... mas não, não tremas;
que eu levo junctos commigo

a tua imagem por guia,
o teu amor por escudo...
Dizes bem; Deos não havia
aniquilar assim tudo
do nosso amor no jazigo...
Não creava o céo em vão
em nossa alma um paraiso...
Mas por Deos, não chores tanto,
se sabes como esse pranto
me queima no coração.»

«Vais partir!?... Adeos, Alberto!
Não seja eu quem te prenda,
ao ver abrir-se uma senda
á ruina de Portugal!...
Sou mulher, mas tambem sinto
que me referve na frente
o mesmo espirito ardente
da nossa patria natal.

«Alberto, adeos! Se morreres,
se o graniso da metralha
te deixar entre a batalha
como despojo e tropheo,

que morras como soldado!...
Pede a Deos por mim, Alberto!
Deixa-me o tumulo aberto,
e espera por mim no céo!

«Mas se Deos me ouvir as supplicas,
e me der tanta ventura
que ainda em vida futura
te eu possa tornar a ver,
recorda-te por piedade
da tua pobre Margarida!
Não te esqueças que na vida
te prende aqui um dever!»

E cahiu sobre o chão desfallecida;
e parece, meu Deos, que a propria vida
a ti voou num ai!
Como a pomba que fica ao pé do ninho,
e vôa pelo espaço o tenue arminho
que das azas lhe cáe!

Como pende do lyrio a triste c'rôa,
e o perfume dos tumulos lhe vôa
para os anjos do céo!
Como a lua no throno da harmonia,
e a saudade e a mystica poesia
á terra lhe desceu!

Mas ergueu-se com vida á luz da esp'rança,
na antevista de fulgida bonança
para a saudade e dor,
com os olhos pregados no occidente
esp'rando cada dia tristemente
o pobre trovador.

A esp'rança é como a fada
que nos arrasta e seduz,
após a imagem doirada
de vividissima luz,
a fascinar a nossa alma
com a ventura e co'a palma
de mil promessas d'amor;
mas de luz que se incendeia,
que nunca morre, e se ateia,
de vivissimo esplendor.

É branca, branca, formosa,
como um cysne ou como a neve.
É como a folha de rosa
que se despegue, e se eleve
sempre agitada do vento;
que tambem o pensamento
eleva a esp'rança no ar.
É como o aroma do lyrio
que lança n'alma o delirio,
se acaso a vem perfumar.

Tem a côr da Primavera,
sempre louçã e garrida,
sendo verde, como a hera,
todo o anno e toda a vida.
E, como a hera no abraço
sustenta ainda no espaço
os muros do torreão,
assim da esp'rança os verdores
nutrem de seiva, e dão flores
ás ruinas do coração.

É como a luz da alvorada,
nas alvoradas de Abril,

uma visão encantada,
aerea, branca e subtil.
É liberrima em seu preito:
ninguem a prende no peito,
que lhe não fuja outra vez.
E é virgem; por mais que faça,
ninguem lhe toca, ou abraça
as promessas que nos fez...

E Margarida ergueu-se á luz da esp'rança,
na antevista de fulgida bonança
para a saudade e dor
com os olhos pregados no Occidente,
esp'rando cada dia tristemente
o pobre trovador.

CANTO IV

A Batalha

Porque veiu, Bussaco, um dia a guerra,
accendendo-te o fogo da batalha,
insultar-te nos echos da metralha,
a ti — o rei do espaço, a ti — a serra

que ovante dominavas nos vallados,
tão livre como o vento que bafeja
á tua face o abutre, quando adeja
livre pela amplidão? Que tristes fados

profanaram os ais dos cenobitas
que inda se erguem da campa á luz da lua,
a cantarem na briza que fluctua,
o canto dos sepulchros? Infinitas

devem ser as areias da tormenta
que assim turba o sacrario da saudade!
Mas se é crime, Senhor, a tempestade
que arroja o lodo ao céo, e infrene tenta

quebrar a tua obra... ó Deos, perdôa;
mas é crime tambem vir insultar
alli ao pé da cruz, alli no altar,
silencio d'ataudes! Se a aguia vôa

no teu cume, é de paz; não leva as presas
ensopadas em sangue, como outr'ora
apparecera um dia á luz da aurora,
adejando no céo d'essas devezas.

Mas nunca fica impune o fratricida!
Nem passa nunca o vento no deserto,
sem a areia encontrar o espaço aberto
para luctar com elle em guerra ardida!

Tu mandaste, Senhor, que as pobres aves,
ao pairar-lhe esse abutre sobre a serra,
demudassem num dia em sons de guerra
a harmonia dos canticos suaves,

e vencessem!... A Gloria a ti, meu Deos,
se o hymno d'um poeta que delira,
póde cantar nas cordas da sua lyra:
A Gloria a ti, meu Deos na terra e céos!

Era o dia da batalha
que a nossa moderna historia
aponta com altivez,
como um dos dias de gloria
para o pendão portuguez.
Eram em frente os exercitos
com esse quadro infernal,
com essa amostra de horrores
que, como a hydra do mal,
quantas mais vezes se apaga,
mais se renova fatal.

Alargava-se a cratera
do refervente vulcão...
Mas silencio! Não fallemos,
que basta a voz do canhão
para fallar d'esse inferno;
e eu tenho por maldição
a historia d'uma batalha,
quando a justiça não valha
ao povo que vem faminto
lançar as garras sangrentas
ao cadaver d'um irmão.

Fujamos d'esse theatro;
que nada vale ao estandarte
a lyra d'um trovador,
sinta embora o amor da patria:
só querendo tomar parte
na carne e sangue, no horror
d'esse festim condemnado.

Mas Alberto, o esforçado,
o heroe da nossa historia,
o ebrio sonhador de gloria,
esse pobre enamorado

de tanta palma e tropheos?...
Neste momento solemne,
quem sabe se a despedida
o será por toda a vida?...
Deixae-me dizer-lhe adeos.

Vede-o alem. Em volta um grupo,
a cada som da metralha,
lhe pede um canto guerreiro.
Antes d'entrar na batalha,
querem ouvir-lhe primeiro
uma ballada de gloria,
um facto da nossa historia
que lhes aponte o dever...
Vai cantar... Oh! vinde ver,
que lhe lampeja no rosto
como que ardor divinal!

«A estrella brilhava da fulgida gloria,
e os fastos guerreiros cantavam na terra
o homerico hosana do poema da guerra,
em honra do nosso pendão portuguez.
Fitava-se o livro da nossa grandeza

nas velas cruzando no altivo oceano;
no tôpo das naves erguendo-se ufano
nas ondas, gemendo quebradas aos pés.

«Então inda o brado d'um canto do mundo
lá fóra echoava em tremor de batalha;
e o dobre tremendo da nossa metralha
os peitos gelava d'immenso terror!
E as quinas erguiam-se aos ventos da gloria!
E os filhos da patria sentiam no peito
romper, em crateras d'inferno desfeito,
dos sonhos da gloria mais fervido ardor!...

«Affonso reinava. As conquistas por Africa
lançaram mais vida, mais alma aos soldados;
sentiam-se ardentes, fogosos, ousados;
mais sangue, mais quente o febril coração...
E a patria chamava seus filhos á guerra,
co'o braço mostrando o leão de Castella;
e ergueram-se todos em voz de procella,
e em lava fervente d'acceso vulcão.

«Os dois estandartes cruzaram-se rutilos
nos plainos do Touro, onde a côr das bandeiras

tingiu-se no sangue das hostes guerreiras,
topando com impeto e raiva infernal.
Poema cantado da lucta no estrepito,
os lusos tiveram as palmas da gloria...
E diz-se comtudo ganhara a victoria
Castella, vencendo o feroz Portugal!

«Mas ha um facto, uma pagina
nesse poema guerreiro,
que até hoje o mundo inteiro
não abriu com attenção;
que tem passado nos seculos
quasi esquecida e fechada,
e mer'cera ser cantada
por um melhor campeão.

«Ateava-se mais horrida
a temerosa batalha,
e retroava a metralha
com mais tremenda procella,
quando Duarte d'Almeida,
gentil e forte soldado,
se viu de todo cercado
por esquadrão de Castella.

«Disputavam-lhe a bandeira
que sustentava aferrada,
vibrando no ar a espada
tal como um raio infernal.
E, já coberto de sangue,
mais a apertava, raivoso
todo exaltado e brioso
das armas de Portugal.

«Recrescia a furia, o esforço;
e as balas, de toda a parte,
cruzavam. O estandarte
se viu então abaixar,
e erguer-se após um momento;
que não baixou de cansaço:
fôra levado no braço
que o sustentava no ar!

«Falta um braço? Tenho outro...»
E mais raivoso e fervente
batia a onda crescente
que se apinhava em redor.
E mais o sangue corria,
e mais os golpes cruzavam,

e mais espadas quebravam,
e mais crescia o furor.

«Tornou a terra o estandarte,
levando tambem suspenso
o outro braço; d'immenso
prazer um brado troou,
cantando em grita a victoria;
e p'ra a bandeira em pedaços,
levando presos dois braços,
tudo em tropel se arrojou.

«E elle, co'a espuma nos labios,
desprendeu medonho brado,
como um leão derrotado,
como a tormenta no mar.
Arrojou-se ao estandarte,
e, entre os golpes crescentes,
aferrado pelos dentes
o tremulou pelo ar.

«Passava o vento da tarde,
e, balançando os fragmentos
enlodaçados, sangrentos,

d'essa bandeira fatal,
envolveu-lhe todo o corpo,
de golpes mil retalhado.
Rugindo então desesp'rado,
como rugido infernal:-

«É vossa, sim, a victoria
«de tão renhida batalha;
«é porem minha a mortalha
«que Deos me dá no pendão
«da minha patria e da gloria...»
E pela vez derradeira
fitando ainda a bandeira,
tombou de chofre no chão.»

Findára Alberto o canto. Retroando,
o canhão ribombava na montanha
como applauso guerreiro. Ao longe erguia-se
a negrejante nuvem da metralha;
e a torrente, nas abas, revolvendo-se,
da montanha, junctava agreste côro
ao proximo festim de sangue e mortes.
«Ás armas!» retroou por todo o espaço
em selvagem rugir de cada peito.

«Ás armas!...» retroou na voz do fogo,
e correu sobre o fumo da metralha,
d'encontro aos quatro ventos do heroismo.
«Ás armas!» Como o inferno rebentando,
da montanha irrompeu cratera horrisona,
assolando infernal. Raivosa, infrene,
medonha vozeria ergueu no espaço
da batalha horrorosa rhapesodia.
«Ás armas!» E, leão faminto erguendo-se
no deserto a galgar, feroz rugindo,
se arroja o luso, delirante e louco,
d'encontro com as aguias altaneiras.

«Ás armas!» troa Alberto, erguida a espada,
e no olhar faiscando a lava ardente:

«Ás armas!» gritou medonho,
ao retroar do canhão.
«Que se levante o leão
ao tremular das bandeiras;
e que as aguias altaneiras
sejam quebradas aos pés,
como os tropheos da batalha!
Ou vencer, ou a mortalha

nos seja aquelle estandarte;
mas que entenda Bonaparte
que tambem somos soldados,
os filhos de Portugal!...
«As armas!» bradou convulso
como rugido infernal!...»

A bombarda quebrava ao longe em echos
d'estertor infernal — Represa solta,
que partindo os grilhões assola tudo,
mais raivosa nas peias que a assoberbam —
accendia-se a chamma da batalha:
tormenta que derroca a nave afoita
em fragmentos no oceano, e mais rebrame
ao queimar-se em relampagos no espaço.

Os lusitanos como loucos, ebrios
se arrojavam ao centro d'esse inferno;
como a nuvem d'areia ao som do vento,
que rebrame um anathema horroroso
em noites de Janeiro. Alberto andava
no mais cerrado aperto da batalha,
como o raio no horror das tempestades,
nas trevas mais espessas. Sobre o sangue,

sobre o corpo dos bravos já prostrados,
e através d'esse fumo da metralha
que occultava na nuvem negrejante
o drama sanguinario, mais fogoso
perpassava qual genio das batalhas,
derrubando feroz em raiva intensa
os que ousavam soster-lhe o braço erguido.
Ao requeimar do fogo do heroismo,
fervia-lhe no peito a nossa gloria;
e ardente se atirava ao fogo, á morte,
como as ondas quebrando a furia ousada
em noites de tormenta sobre a praia,
ao rugir o escarceo na immensidade...

Amanhecera; e o sol trajava o ouro
com que Deos no diadema de fulgores
lhe dera a c'roação;
e o universo expuzera o seu thesouro,
para thurifical-o nos ardores
do rei da creação.

Era a manhã mais bella e mais formosa
sobre a scena mais triste d'este mundo;
— d'alegrias e dor
triste contraste! — á festa rumorosa
do sol nascendo, mais d'um moribundo
invocava o Senhor.

Ostentava-se agora o horror da guerra
no funebre cortejo d'agonias,
no estrado de tropheos,
espalhados e rotos sobre a terra.
E como a voz fallando nas orgias
da virtude e de Deos;

nessa orgia de dor e mortandade,
sobre a esteira de sangue ainda quente
d'esse quadro infernal,
mil feridos pedindo a Deos piedade...
Mas inda bem que palma refulgente
ornava Portugal!

Ainda bem que os cantos da victoria
festejavam aos hymnos d'alvorada,
em festa de bonança,

mais aquelle florão da nossa historia;
quando a aguia corria afugentada
aos rochedos da França,

vergonhosa escondendo-se, e abatida
mal voando nas azas já quebradas;
e deixando em tropheos,
por sempiterna gloria á nossa vida,
sobre o Bussaco as pennas arrancadas!...
Ainda bem, meu Deos!...

Oh! não! Mal haja a palma da victoria
que se hastêa nos corpos revolvidos
no sangue d'um irmão!
Maldicto seja o vento d'essa gloria
que leva grãos d'areia, assim erguidos,
da culpa na amplidão!

Que fumo te desvaira, humanidade?
Que loucura de sangue te abre as vêas
em delirio feroz?
Não basta por espaço a immensidade,
para os povos quebrarem as cadêas
que se lançam d'algoz?...

Alem, por entre um monte de cadaveres,
Alberto jaz, da morte a pallidez;
revolto em lodo e sangue, inerte e livido,
já sonhando comtigo, ó Deos, talvez.

Ai! doirae-lhe da luz da vossa graça
essa frente, Senhor, amortecida!
Accendei-lhe no mundo a estrella escassa,
se sabeis que destino o prende á vida!

Deixae remar ainda o pobre naufrago
do mundo no escarcéo, deixae, Senhor!
Quem sabe a onda que se volve tumida
para sorvel-o um dia em seu furor?

É espuma que referve a nossa vida:
deixae-lh'a desfazer-se mais um dia,
e pesae-lhe depois de assim batida
o martyrio fatal d'esta agonia.

Ai! deixae-lhe, Senhor, findar o cantico
da patria, gloria e amor; por compaixão,
não lhe quebreis ainda essa harpa mystica
dos seus hymnos febris do coração.

A patria, amor e gloria! Que anciedade
a reflectir-nos nalma o Teu jardim!
A patria, amor e gloria! A immensidade,
os paramos sem raia, o mar sem fim!

A patria, amor e gloria!—O canto biblico
sem prephetas na terra!—A luz que ardeu,
como as nuvens, ao acaso, soltas, ebrias,
á luz do raio!—O mundo, o espaço e o céo!

A patria, gloria e amor!—Trindade sancta
que redime do lodo o peccador!
Oceano immenso—onda que levanta
sua espuma até Vós!... Deixae, Senhor,

findar ao desgraçado o doce cantico
dos sonhos juvenis! Por compaixão,
não lhe quebreis ainda essa harpa mystica
dos seus hymnos febris do coração!

CANTO V

Orvalho Celeste

Tu já viste, leitor, no atroz martyrio
o pobre, suspendido sobre o abysmo,
cravar na rocha as mãos com fanatismo,
acenando a esta vida com delirio?

Sepulchro aberto aos pés, e o céo por cima
a reflectir-lhe nalma o brilho ethereo
que cedo vai trocar pelo mysterio
da ruina fatal? Se a luz o anima,

se um braço vem soster-lhe a vida em p'rigo,
o pobre fica preso como a hera
que se enrosca no tronco; e a Deos prouvera
que houvesse cada vida um tronco amigo!

Seja embora que o abysmo nos fascina,
quando é triste o que vai parar-lhe á borda;
que o somnamb'lo da dor sómente acorda
no leito do sepulchro: quando a sina,

por entre os cardos mil do triste exilio,
nos tem inda guardadas umas flores;
quando a lyra do peito, á luz d'amores,
nos traz em descantada um doce idyllio,

a morte é sempre — o monstro atroz, informe
— o espectro das ruinas que se nutre
sómente em carne e sangue — o negro abutre
de myst'rioso horror, de corpo enorme...

Alberto, o trovador, que nós deixámos
da morte suspendido sobre o abysmo,
é mais um testemunho do aphorismo
que se deduz d'aqui; senão vejamos:

Um quarto sombrio e lugubre,
vasto, espaçoso e doirado,
em tudo fiel traslado
d'antigo e nobre solar,
se mostra aos olhos... Entremos.
É noite: aurea lamparina
de tenue luz illumina
pallidamente o logar.

No meio um leito elevado,
onde um alvo cortinado
de simples tapeçaria
formava triste harmonia
com o pau preto do leito;
doirado ao pallido alvor
de luz que mal bruxolêa,
infiltra logo no peito
certo gelo aterrador,
coando-se em cada vêa.

Uma secretária em frente,
com um lavatorio a um canto;
em volta algumas cadeiras,
e, como tudo, igualmente
servindo de pregoeiras

de antiga e nobre familia,
era sem mais a mobilia
d'este singelo aposento.

É noite, noite suave...
Nenhum murmurio lá fóra;
nem o rugido do vento,
nem a harmonia d'uma ave.
Cá dentro, apenas ás vezes
coam-se oppressos gemidos,
como murmurios sentidos
d'alma presa nos revezes
d'immensa e viva agonia.

Abriu-se de manso a porta...
Meu Deos, milagre sublime!
Nem sei se a mente desvaira,
ou se algum sonho me opprime.
Queda um anjo ao limiar!
Julgo que é anjo; que o olhar
doira o quarto em luz divina,
como a celeste magia
d'uma estrella matutina,
rasgando as trevas do abysmo!

Ao ver assim de repente
demudada a noite em dia,
parece alma do descrente
a quem algum nôvo apostolo
fosse levar o baptismo...
É anjo, é; que na frente
traz misturada a innocencia
da sua patria perdida
com a amarga impaciencia,
co'a tristeza indefinida
d'um anjo que scisma e vela,
por arrancar do martyrio
um desgraçado qualquer!
D'um anjo que veiu ao mundo,
topou nas silvas um lyrio,
sem desprendel-o poder!

Estatura airosa e bella,
o rosto, um pouco trigueiro,
de doce e nobre expressão,
tal como a timida estrella
que em noites de cerração
se vê fulgir entre as nuvens;

porém mais bella e divina
com a luz que mais fascina
por esse lucto que a ensombra.
Como aureola, o cabello
entre o castanho e o louro,
lembrando uma c'rôa de ouro
debaixo de negro véo,
ou quando a côr do crepusculo
se vai sumindo no céo.

Lá caminha, escuta, espreita;
nem deslisa mais subtil
a penna que a briza deita
pelas estradas no abril!

Parou extatica e muda.
Colla a frente ao cortinado,
e quando um ai magoado
lhe vem das dobras do leito,
contorce, enruga, transmuda
aquelle rosto sereno,
como se dentro do peito
sentisse mortal veneno.

Correu um pouco as cortinas...
Perdoae-lhe; que a innocencia,
não tem recato fingido!
Atravessa — o rosto erguido,
sem ostentar o pudor —
ou no alcouce ou no templo,
ou no palacio ou na choça;
por toda a parte onde a dor
se nutre, cresce, e remoça
no sangue d'um desgraçado.

Oh! Sim!... Sabeis que a innocencia
não veste falso resguardo.
Calca aos pés o vicio e o crime,
passa até por sobre o lodo,
intacta, pura e sublime.
E se algum verme conspira,
se uma serpente a ameaça,
dá-lhe o céo como couraça
o resguardo da virtude,
e por luz a castidade;
pois quer Deos que ella se escude,
como quem um dia ha de
pisar a frente ao reptil...

Correu um pouco as cortinas;
e ficou por longo espaço,
como em extasis sublime,
sob o peso do cansaço
d'essa triste commoção
que adormenta, prostra, e opprime.
Pulsava-lhe o coração
em febril effervescencia;
e os olhos cahiram languidos
em myst'riosa expressão,
como em nuvem d'innocencia,
d'affecto, d'anceio e dor.
Depois, como que em delirio
rapido, vivo, profundo,
pediu fervente ao Senhor
a vida do moribundo.

«Senhor, perdoa meu fatal delirio,
se — pobre lyrio, me deslumbro á luz!
Se endoido ou pécco, perdoae-me agora,
que a peccadora não deslembra a cruz!

«Perdoa á pobre se algum sonho ardente
lhe doira a mente d'um fulgor sem termo!...

Sou filha humilde; se não estou perdida,
salvae-me a vida d'este pobre enfermo.

«Que sina a minha a navegar sem vela!
Nem sei que estrella me conduz ao porto.
Se Deos me attende, que ventura infinda!
Se a esp'rança é finda, tudo em mim é morto!

«Ao pé d'um tumulo a abrasar-me o fogo!
Que eu morra logo, se profano a dor!
Mas deixa ainda, se meu pranto ouviste,
dar vida ao triste neste immenso amor!

«Não é por mim que me rebenta o pranto,
embora tanto seja o atroz martyrio:
é só por elle; que a mulher não ha de
ver sem saudade definhar-se um lyrio!

«Areia erguida na illusão d'um sonho,
cruel, medonho, sinto o abysmo em frente.
Tirae-me a vida, se tal dor mereço,
mas dae-lh'a, peço, e morrerei contente.»

Passaram já tres mezes. Fresca tarde,
ao perfumar da aragem, torna a terra
esplendido crisol:
das tardes em que o amor scintilla e arde,
se o sacrario do peito se descerra
á doce luz do sol.

Era um bosque de espessas laranjeiras,
que dirieis grinalda de noivado
do proximo solar.
Namoravam d'alli para as balseiras
as aves, que teciam seu resguardo
nas franças do pomar.

Era um jardim ao pé. A fresca aragem
brincava docemente sobre as flores.
Um pouco mais em frente
tepido arroio vai — fatal miragem! —
namorando as abelhas nos amores
do seu cantar dormente.

Num canto do pomar em doce enleio
dois jovens fallam em ventura immensa,
eu sei... talvez d'amor;

que a um d'elles pulsa com fervor o seio,
o outro o olhar de languidez condensa...
Escutemos, leitor:

«Adelaide, perdoae-me,
se vos não digo o passado.
Que vos val ter levantado
uma lousa sepulchral?
Deixae-me em paz as ruinas...
Ha nas cinzas tambem fogo,
que me queimaria logo
como um remorso fatal.»

«Desculpae minha insistencia;
que ás vezes a sympathia
se converte cada dia
em pesada impertinencia.

«Bem sabeis que desde o instante
que vos achei moribundo,
só tive em sonho constante
restituir-vos ao mundo.

«Mas muitas vezes um lyrio,
nos seus enleios de flor,
transmuda por muito amor
os aromas em martyrio»...

«Oh! nunca, nunca, por Deos!
Cada vez que vos escuto,
sinto em mim trocar-se o lucto
por alegria dos céos.

«Se o meu passado me espanta,
não é por mim, é por vós;
que eu tremo de ser o algoz
da vossa alegria sancta!

«Ainda assim, ha, senhora,
uma lembrança sómente
que eu desejo ter presente
na minha alma em cada hora,

«para que nunca o thesouro
d'esta immensa gratidão
perca no meu coração
um só quilate ao seu ouro.

«E é que um dia, arrojado
á maior miseria e dor,
vi appar'cer a meu lado
um anjo por salvador.

«Se me quereis ver despida
esta mortal pallidez,
contae-me ainda outra vez
como eu vos devo esta vida.

«Sou talvez impertinente?
Que quereis, se o enfermeiro
acostumou já primeiro
a taes mimos o doente?»

. . . . . .
. . . . . .

«Era um dia depois do da batalha
que fez ruir em terra o jugo extranho;
estrebuchava a aguia na mortalha
que lhe abriu no Bussaco Portugal.
Por toda a parte a gloria
aos echos da victoria
reanimava o peito aos portuguezes.

Meu pae, sabeis, senhor, que foi soldado,
hoje está velho e tropego; os revezes
talvez da nossa patria o têm matado.
Mas inda assim no peito
abriga o coração da mocidade.
A cada novo feito
que a nossa gente impõe á heroicidade,
o pobre sente erguer-se-lhe fervente
dentro do peito o sangue quasi morto.
Ao saber-se a victoria tão fulgente,
eu propria lhe senti luzir no rosto
o fogo dos vinte annos. «Filha,» disse-me,
«sou velho como vês, mas inda assim
«sinto-me hoje com fogo; que um vet'rano
«revive, cada vez que um novo damno
«de si repelle a patria: para mim
«cada gloria da mãe dá vida e força.
«Eu desejava ao menos,
«já que não pude sobraçar a espada,
«ir ver de perto a funebre pousada
«d'essas aguias crueis — raça estrangeira
«de abutres esfaimados!... Mas a edade
«tem-me quasi sem vida... Em caridade
«para teu pae, faz-te hoje vivandeira.

«Vamos ambos d'aqui em romaria
«ao theatro da gloria...
«Eu quero embriagar-me na alegria
«de sentir inda o fumo da victoria»...

«E fomos...

«Que triste quadro, que sombrio ergastulo!
Que fundo abysmo de nefanda sorte!
Tantos escravos dos grilhões da morte!
Naufragos tantos no areal sem luz!
Inda hoje a mente me refoge timida,
se diante os olhos a visão accendo
do negro espectro d'esse quadro horrendo,
e fujo tremula a abraçar-me á cruz!

«Sangrentos, rotos esses corpos lividos!
Dispersos membros, encharcado o sangue!
Armas quebradas, tanto peito exangue!
Rostos desfeitos, tanto lucto e dor!...
E a humanidade a não parar no vortice
que a leva infrene ao turbilhão da guerra,
no louco sonho de alastrar a terra
de sangue humano, d'infernal horror!...

«Tinham levado os feridos,
e só deixaram no campo
aquelles cujos sentidos
creram de todo apagados,
para depois lhes cavarem
sepultura de soldados;
que diz meu pae que os valentes,
como leito sepulchral,
devem ter esse local
onde cahiram com gloria;
que é mais honrada a memoria
assim d'um pobre soldado,
que em monumento elevado
em cemiterios fulgentes.

«Nesse quadro descoberto
de horror, de lucto e de sangue,
pisado, livido, exangue,
ereis vós, senhor Alberto.

«Não sei que doce expressão
tinha o rosto amortecido,
que a nós logo compungido
nos ficou o coração.

«Pareceu-me ver que na frente
havieis restos de vida,
e fiquei como perdida,
morta d'anceio e tremente,

«orando immovel e fita.
Meu pae palpou-vos no peito,
e vi-o quasi desfeito
numa alegria infinita,

«ao ver que ainda vivieis...

«Que mais vos direi agora?...
Para esta casa viestes,
e pelas bençãos celestes
vejo-vos vivo nest'hora.»

«Perdoae-me vós, senhora...
Sois infiel narradora,
que alguma cousa occultais.
E eu, por um contraste ignoto,
bem sabeis que sou devoto
das outras scenas finaes.

«O que vale é que essa historia
jaz-me impressa na memoria
nas lettras da gratidão
immensa, eterna, infinita,
para ficar sempre escripta
no fundo do coração.

«Fostes a minha enfermeira.
Vossa diaria canceira,
vosso continuo pensar
foi só ver como o doente
se ergueria de repente
d'aquelle horrivel penar.

«Nas sombras do meu martyrio,
entre a febre do delirio,
eu vos via a cada instante
ajoelhada ao pé do leito:
até vos senti no peito
o coração anhelante.

«Lembra-me bem que num dia
em que mais funda agonia

me lanceava infernal,
senti no rosto abrasado
não sei que orvalho sagrado,
que me abrandou todo o mal.

«Era uma lagrima vossa!
Sabeis que o lyrio remoça,
já do martyrio no cumulo,
a cada orvalho da aurora?
Foi como eu fiz: naquella hora
ergui a frente do tumulo.

«E depois em cada dia
mais e mais se me accendia
dentro do peito a saude,
ao sol do vosso sorriso,
d'esse olhar no paraiso,
da vossa voz no alaude!»

CANTO VI

Sobre o Lago

Rasgae o canto, leitores,
se todo um canto d'amores
vos embriaga demais;
que eu bem sei que muitas vezes
até no aroma das flores
ha mil venenos fataes.
Que quereis, se a minha vida
se sente toda incendida
no culto d'essa trindade
—Deos, o amor e a poesia?

Perdoae, por caridade,
se á vossa alma sensitiva
tanto perfume faz mal.
Ainda mais, perdoae,
se em vez d'um pobre poeta
só tendes um sonhador
que se illumina á luz viva
das illusões... e rasgae
todo este canto d'amor...

Era em noite d'Abril, quando irradia
a miragem azul do paraiso,
que enfeitiça o universo de poesia,
como d'archanjos dulcido sorriso.

Estava ao mundo aberta a Biblia sancta,
que mostra a Deos escripto em letras d'ouro,
na cupula divina que levanta
a noite por altar do seu thesouro...

Accendeu-se o sacrario: andae, prophetas!
Eu fallo á juventude: namorados,

voae por esse céo, quaes borboletas,
a estudar nas estrellas vossos fados!

Não volta a mocidade! A chamma ardente,
por mais Vestaes que tenha, morre um dia.
Aproveitae, que o templo está presente,
e a sibylla d'amor jámais varía ·

o preço dos destinos: por oblata
exige corações de juventude;
suspiros por incenso; o ouro e prata
dos sonhos juvenis por alaude.

No bosque de laranjeiras
que bordavam o solar,
havia um lago onde um barco
boiava á luz do luar,
como o boiar d'uma rosa,
deslisando preguiçosa
por sobre a espuma do mar.
E quando o remo quebrava
nessa cadencia indolente
aquella esteira dormente,
á branda luz do luar,

tal como as azas d'um cysne,
a espanejar-se lascivo,
fagueiro, doce e captivo
das indolencias d'amor,
essa agua pura cantava,
ao despertar-se do somno,
e á branda luz do luar;
e, toda alegre, saltava
em mil aljofres ao ar.
Recortava-se na espuma
a sombra do laranjal,
como a cortina de bruma
a desfranjar-se no val.
Passava, doce e fatal,
a namorar de magia,
a myst'riosa harmonia
da morna aragem da noite.
E os pobres astros tremiam,
como a pedir quem acoite
aquelle brilho do céo,
com mil saudades fitando
a nós, os entes da terra,
taes como a noiva mirando
por entre as franjas do véo

ao seu poeta d'amor.
E o sanctuario infinito
trajava o fulgido amicto,
como os adornos do altar
das galas mil do Senhor.
E o pobre barco boiava
á branda luz do luar.

Lá dentro dois namorados,
como esquecidos no abraço
que os apertava d'enleio,
a traduzir enlevados
o seu futuro no espaço
pelos suspiros do seio,
fallavam baixo d'amor
á branda luz do luar.

«Que triste a lua no espaço!
Olha aquelle astro que aponta
o nosso destino alem!
Ai! como o seio remonta
aquelle céo que nos vem
trazer as bençãos d'archanjos!
E eu sinto que voaria

agora ao seio dos anjos,
se não tivesse a magia
d'essa tua alma tão pura;
se me não désses tão certo
aqui um céo de ventura!

«Mas em que scismas, Alberto?
Que recordação sombria
nos quer roubar a alegria
d'estes momentos d'enleio?...
Sonhas acaso a ventura?
Eu dou-t'a, que no meu seio
tenho ainda resguardado
tudo o que tu me tens dado
dos teus affectos no ardor.
Não venha porém agora
alguma nuvem funesta
perturbar a nossa festa,
enluctar o nosso amor.

«Recíta qualquer hallada...
Seja o que for... uma historia...
Tu és poeta... Coitada!
É p'ra ti mesquinha gloria

ter ouvintes como eu;
mas faz de conta que o céo
te escuta os hymnos, e a briza,
que tão serena deslisa,
os leva aos pés do Senhor...
Ai! canta um hymno de festa
á nossa noite d'amor.»

Mal se lhe ouvira o canto; a voz suave
morria como harpejo d'uma ave,
a desferir saudades nas ramadas
em triste suspirar;
assim como as toadas
do vento quando chora nos salgueiros
em noites de luar.

Os Noivos do Lago

«Em noite como esta, na esteira do lago
os flocos d'espuma boiavam trementes.
No espelho das aguas poisavam dormentes
as cintas de prata das noites de Abril.

E o hymno das ondas, d'envolta na briza,
fervente cantava mais doce harmonia;
e ao culto da noite formosa sorria
a noiva do espaço no throno d'anil.

«Que noite! E no lago, na esteira de prata
essa agua, parece, fervente se enleia
de abraços perdidos, quebrados na areia
em cantos gemidos nas trovas d'amor!
Que noite! E na praia, nas margens do lago,
a briza pedia perfumes ao lyrio;
e vinha e voltava e bebia em delirio
perfumes sem conto no calyx da flor.

«E juncto do lago formoso adejara
um anjo da noite nas azas de prata;
no manto de alvura que o cysne retrata,
a frente cingida de c'rôas de luz!
Silencio nas aguas! Silencio nas brizas!
Que, após, sacerdote do culto d'amores
lhe queima no fogo da voz dos louvores
incenso dos anjos que a lyra traduz!

«Ai! anjo, os hymnos mysticos

«das ondas d'este lago,
«são canto aereo e vago
«á nossa luz d'amor!
«Ai! virgem, o murmurio
«do lago prateado
«é canto de noivado,
«para embalar-te, flor!

«Oh, vê que doce e tremula
«A briza pousa o canto
«no thuribulo sancto
«que o nosso amor nos deu!
«Olha que doce anhelito
«te vem cingir a lua
«—grinalda que fluctua
«na luz do nosso céo!

«Entremos, flor, na gondola,
«rememos nesse lago!
«Ha alli não sei que vago
«enleio na amplidão.
«Entremos! Seja o thalamo
«do nosso amor celeste,
«aquelle que vieste
«buscar na solidão.

«Ouve! Que festa magica
«nesta harmonia immensa!
«A natureza incensa
«a luz do nosso amor.
«Entremos, que o murmurio
«do lago prateado,
«é canto de noivado
«para embalar-te, flor!»

«E remaram nas aguas, na grinalda
que lhes fôra cingir da espuma a flor,
oscillando na esteira d'esmeralda
que lhes vinha cantar hymnos d'amor.

«E boiaram dormentes nessa gondola,
— dois cysnes que a corrente adormeceu —
tendo o leito das aguas como thalamo,
e como sol d'amor a luz do céo.

«E essa noite por canto de noivado
affinara mais dulcida harmonia
no ambiente do lago, embalsamado
do sacrosancto incenso da poesia.

«Abraçaram-se então, e nesse anhelito
respirara mais vivida a paixão;
que juncto ao peito, como a flor no calyce,
abriga-se mais doce o coração.

«Foi ligeiro o sonhar, e após o abraço,
o mancebo, febril com essa palma,
tecera o epithalamio a esse laço,
á luz da inspiração que tinha nalma:

«O amor é astro que fulgura, e ledo
«mostra em segredo mil visões do céo:
«prazer d'um sonho, respirar d'um lyrio,
«doce delirio que delirios deu.

«Amor é brando ciciar da aragem
«que na folhagem vai poisar subtil;
«é ambiente do jardim, do prado,
«embalsamado neste mez d'Abril.

«Amor é onda que desfralda o vento,
«e num momento se perdeu no mar;
«que noutras ondas foi prender num laço,
«e doce abraço noutras aguas dar.

«Amor é festa de suaves hymnos,
«de sons divinos a fallar dos céos;
«é voz suave de harmonia sancta
«que passa e canta, como a voz de Deos.

«Amor — safira que dos anjos tida
«nos doira a vida nos parceis da dor —
«da sorte eu dera essas demais caricias
«pelas delicias d'um sorrir d'amor!

«E este meu sonho d'ouro aereo, immenso,
«tu, flor,
«vieste dar-me agora o sonho aereo
«d'amor!

«Abençoada sejas, que me déste
«a flor
«que eu guardarei nesta alma em culto sancto
«d'amor!»

«Ai! guarda sim o lyrio
«do nosso affecto puro!
«Por Deos, que no futuro
«não morra em teu jardim!

«Ai! guarda a flor tão pallida:
«abriga-a tu do vento
«ao pé do juramento
«do nosso amor sem fim!

«Ai! guarda-a! Por thuribulo
«do nosso affecto immenso
«que seja ardido o incenso
«á luz do coração!
«Ai! guarda-a! Se nas petalas
«chover um dia a neve,
«ó Deos, que seja breve
«a minha vida então!»

«E cingiram-se ardentes noutro abraço,
a mente incendiada no delirio
de sonho aereo e vago.
A orchestra inda soava pélo espaco,
e a lua, a namorar no alvor do cirio,
alumiava o lago.

«Mas depressa mudou-se o véo celeste...
Foi nuvem fluctuando pardacenta
nas franjas de negrura.

Ó phantasma das sombras que vieste
por funebre sudario da tormenta,
não turbes a ventura!

«Anjos da noite, foi-se a vossa estrella!
e essa nuvem com passos de gigante
galgara na amplidão.
Ribombara no grito da procella,
de envolta pelo espaço, a voz distante
dos echos do trovão.

«E um raio se cruzara á luz do inferno,
— o traço acceso no listão dourado,
— anathema de Deos;
e o vento revolvera-se no eterno
bramir da sua raiva, erguendo ousado
sua blasphemia aos céos.

«E o lago arremeçou com raiva intensa,
sorvendo espuma em cada abysmo, ousada,
horrente voz do mal.
Era guerra de morte, guerra immensa
á natureza; e o lago p'ra a cruzada
dava um canto infernal.

«Mais um raio brilhou; e ao fogo ardente,
avultaram na crista da montanha
d'uma onda que se ergueu,
os dois noivos em prece refervente,
de joelhos no barco, em dor tamanha
pedindo graça ao céo.

«E o barco, a desfazer-se de cansaço,
grilhoado na furia do elemento
em duro agonisar,
por escarneo cruel o rir do espaço,
e ao ludibrio satanico do vento
foi no abysmo rolar!

«E de envolta nos echos da tormenta
voára suspirando em ais sentidos
um canto de finado:

«Não chores, flor, no tumulo!
«Que tem deixar a vida,
«quando a nossa alma unida
«vai ser sempre d'amor?...
«Nestes momentos ultimos
«não chores, desgraçada!

«Implora a luz sagrada
«da graça do Senhor!»

«E quando a aurora erguera a frente lucida
a pratear os paramos do espaço,
viram-se inertes nas areias humidas
os dois noivos cingidos num abraço.»

Findara o trovador. Aereo e tremulo,
nos labios lhe morreu triste gemido,
das cordas da sua alma só ouvido
nos ais da sua dor.

«Ai! quem me dera tambem
morrer comtigo abraçado
neste momento d'enleio...
Mal sabes o desgraçado
que estás apertando ao seio!»

Foi nuvem que passou... Ardentes, loucos,
arroubaram-se em mystico sorriso.
Olharam para o ar,
como a sorver a luz do paraiso;

e depois, no consorcio d'um abraço,
em ethereo sonhar,

voaram ás venturas dos archanjos:
um effluvio subtil do céo d'amores
ao peito lhes desceu...
Meu Deos, se é grande o numero dos anjos,
deixae ficar na terra, ao pé das flores,
estes anjos do céo!

Sonharam ambos. A ella
o sonho dos seus amores;
perfumes, astros e flores;
as brizas e as borboletas;
amor-perfeito, violetas;
a lua, os anjos e os céos!
O triste sonhou primeiro
tambem d'amor, de ventura;
grinaldas, rosas e hymnos;
Ouvin os coros divinos
das harmonias de Deos...

Depois voltara-lhe a mente
ao seu passado, á alegria
d'esses momentos da vida;
e a idéa de Margarida
cruzou-lhe viva e fervente.
E viu então essa estrella
ha tanto tempo perdida,
mas nunca, nunca esquecida;
que, até nas horas d'enleio,
só Deos sabe em que saudade
se alevantava no seio
aquella imagem gravada
no livro do coração.
Mas o destino levava-o,
como a corrente do mal,
assim no fogo do inferno
d'essa loucura fatal;
que ao raio que fende as nuvens
ninguem vai marcar-lhe o passo:
ninguem lhe escreve no espaço
a lei que Deos lhe não deu!
Á onda que se revolve
tão livre na immensidade,
quem pode traçar, quem ha de

marcar-lhe a senda no mar?
E o amor é como o raio,
ou como as ondas, altivo,
nunca domado ou captivo,
sem se torcer, nem quebrar!

Viu o céo da sua aldeia,
a casinha, o laranjal,
as pobres rosas perdidas
as margaridas do val.
E viu a pobre assentada
ao pé do lago, enlevada
na sua estrella dos céos,
como elle a vira noutr'ora,
toda encantada e perdida,
a conversar esquecida
co'os outros anjos de Deos.

E viu tudo... viu alem
aquelle mar de ventura
que já sonhára tão pura
em outras horas d'amor.
E viu tudo... viu a pobre,
chorando o fel do martyrio;

fallando, louca, em delirio
do seu amor tão ardente.
E viu tudo... Até na mente
sentiu as sombras do inferno
como um presagio funesto...
E chorou... Só sabe o Eterno
as convulsões, o tormento
assim d'um sonho em delirio,
quando o remorso um momento
levanta a frente infernal...
E acordou convulso e tremulo,
arfando o peito, gelado,
como o erguer do condemnado
na sua noite final.

Olhou a pobre donzella
que o apertava no seio.
Sonhava em dulcido enleio,
nesse somno da innocencia
que sómente a Providencia
concede aos anjos do céo.
Dormia á luz do luar,
ainda ao canto dormente
das mesmas ondas do lago,

naquelle anceio tão vago
das castas filhas d'amor.

Acordou-a então do somno,
gelado, louco e tremente
nas convulsões d'essa dor.

«Desperta, filha, do enleio,
para fugir ao meu fado,
se sabes o desgraçado
que estás apertando ao seio!»

CANTO VII

A Via Dolorosa

Era uma noite d'inverno
medonha, torva e sombria;
quando no espaço irradia
essa blasphemia d'um raio.
Um d'esses quadros do inferno
que se desloca na terra;
sinistra imagem da guerra
nas convulsões d'um imperio
que desmantela o canhão...

D'espaço a espaço o trovão
cantava a horrenda ballada
do seu presagio funesto.
Ás vezes a gargalhada
do vento quebrando infesto
contra os penhascos da serra,
em seu lamento sacrilego,
vinha augmentar este horror;
como nas noites de guerra
ouvindo-se o arranco extremo
d'um moribundo maldicto
em seu estertor blasphemo.
Outra vez magoado grito
da briza que se acoitava
nas franças do pinheiral,
lembrava a nota magoada
d'alaude que estalava
na sua corda final.
Cahia a chuva em torrente
aguda, fria e gelada,
como a lembrança tristonha
d'outro diluvio imminente...
Par'cia que a tempestade
era uma orchestra medonha,

cantando á humanidade
o epicedio final!

Um raio lampejou. Clarão escasso
rasgou um pouco os crepes condensados
d'esta noite de horror:
como funebre dedo que no espaço
insculpisse com fogo aos condemnados
a ira do Senhor.

Alem, sobre a montanha, o som do vento
repercutia em lugubres toadas
por sobre os alcantis,
como do espaço um tetrico lamento.
De instante a instante pedras arrancadas,
em impetos febris

pela encosta rolavam. A torrente
engrossava nas ingremes regueiras
da montanha fatal.
Minando o fundo ao cerro, um mar ingente
de chuva refervia em cachoeiras
nos abysmos do val.

Ai! que blasphemia, ó noites de tormenta,
vos arranca dos paramos do inferno
por negra maldição?!...
Sudarios d'algum crime que se ostenta
nas trevas só — que ao menos ouça o Eterno
a supplice oração!

Cahia mais a chuva. Um raio se accendera
de novo nesse horror; e á luz que mal rompera
por entre cada espectro erguido no horisonte,
avistou-se na estrada aberta sobre o monte
um vulto de mulher, olhando para os céos.
Aos pés lhe está o abysmo; em volta, só se Deos
a vê na escuridão; o mais, nem um murmurio
que indique bafo humano; apenas por tugurio
escarpa mal aberta aos pés da penedia
offerta á peregrina asilo até ser dia.
Se o rosto, mal distincto á luz d'aquelle raio,
não mostrasse um archanjo erguido do desmaio,
pallido e tremente, incerto o passo e a vida,
julgáreis um phantasma errando, mal cumprida
sua sorte cruel... Descanta ao longe a orchest'a
horrisono fragor da mais horrenda festa.
No céo nem uma estrella... Em louco turbilhão,

qual horrido estertor de proximo vulcão,
vacillam pela base as moles de granito.
Ai! dia de Juizo! A graça do Infinito
proteja a caminhante — a pobre sem conforto,
errante sem pharol, a naufraga sem porto
nas trevas d'esse horror!... A prece ouviu-a Deos.
D'um raio a luz furtiva, abrindo-se nos céos,
como um riso de Deos em noites de agonia,
fez ver á caminhante, aos pés da penedia,
mal enchuto covil, deserto e resguardado
em parte da tormenta: encantos de noivado
em noite assim atroz! «Ai! luz da Providencia,
sê tu abençoada,» — em sancta effervescencia
orava essa infeliz «Eu vejo a tua mão
desviar-me do abysmo, e a atroz escuridão
rasgar-se á tua luz. Julgava-me perdida,
e dás-me de repente asilo, tecto e vida!
Abençoada seja a sancta caridade
da tua graça, Senhor; que nunca a orfandade
te levantou em vão a prece do martyrio!»

Cantava a tempestade em sofrego delirio
nas fendas do covil; mas dentro d'esse asilo,
se o vento lá entrava, apenas em sigillo

vinha embalar o somno á pobre caminhante.
Lá fóra inda o tufão passava em furia ovante
com prestito infernal por sobre a escuridão.
Não descançava o raio, e o horrido trovão
não dormia tambem; mas Deos vela a innocencia.
Dorme pois, Margarida! A voz da Providencia,
em perpetua vigilia, attende lá do empyreo,
nas trevas ou na luz, ás filhas do martyrio!

Margarida!... Nem eu sei
se este nome inda revela
uma lembrança á leitora;
se aquella pallida estrella
que nós fitámos numa hora,
se aquelle pallido lyrio,
roubado aos jardins do empyreo,
regado aos prantos da aurora,
não jaz agora perdido
nas trevas do esquecimento.

Eu por mim, nem um momento
se me riscou da memoria
d'aquelle anjo a pobre historia,
d'aquella estrella o esplendor;

pois quando tópo na vida
acorrentada uma flor,
como a pobre Margarida,
nos espinhos dos silvados,
não sei se d'alma cuidados
de mutua fraternidade,
sempre saudosa amizade
me traz nesta alma essa flor.

Como vimos noutra parte,
entre Alberto e Margarida
trouxe a guerra desabrida
como phantasma o dever.
Trocou os mysticos vôos
d'aquellas candidas aves,
trocou as manhãs suaves
d'aquelle pallido lyrio
pelo continuo martyrio
de saudades de morrer.

Cada instante era a tortura
de visões tumultuando
numa continua amargura
sobre a mente da infeliz.

Passavam como em relampago
ora renhidas batalhas,
ora sangrentas mortalhas
envolvendo mal distinctas
umas fórmas varonis.

Ás vezes como um phantasma
levantava-se-lhe ao lado,
hirto, sangrento e gelado,
de horrorosa pallidez,
o corpo do seu Alberto.
A pobre então, como louca,
olhar desvairado, incerto,
palpava a frente exaltada,
a ver se estava acordada
ou se dormia talvez.

Se dormia, nem Procusto
no seu leito de tormentos
passava negros momentos
de tão profunda amargura.
Era a continua tortura
que em nós produz a saudade,
tornada ainda mais dura

ao fogo d'aquella edade
aos sonhos do coração.

Ás vezes a Providencia,
para doirar por instantes
tão espessa escuridão,
mandava-lhe por clemencia
do sol uns raios cambiantes.
Era um sonhar de delicias,
com as celestes caricias
da volta do seu amado,
coberto todo de gloria
e do brio do soldado
que tem honrado as bandeiras...
Depois ouvia o murmurio
d'aquellas juras primeiras
como a voz do paraiso;
banhava-a o dulcido riso
d'aquella candida imagem
do seu pobre trovador...
E arrojava-se á voragem,
immensa, eterna, infinita,
do seu futuro d'amor...

Vinha de longe a guerra nos reverberos,
da multidão nas vozes, que engrandece,
por indole nativa,
o mais leve accidente que acontece.
A cada vóz do povo era mais viva
a chamma d'esse inferno que abrasava
a pobre Margarida.
Ás vezes se pintava
o exercito francez em debandada,
e noutras se dizia derrotada
a força portugueza: era um martyrio
insano, atroz, immenso, em cada dia...
Não ouviste, leitor, numa agonia
qualquer dobrar dos sinos,
repique embora com alegres hymnos,
cahir-te lento e lugubre no peito
em magoa indefinida?
Era assim, quando o povo
vinha contar de novo
algum facto, que a pobre Margarida
sentia um mar desfeito
de pranto amargurado; talvez seja
que nalma lhe actuasse a prophecia

dos seus futuros dias: a agonia
parece que viceja
de antemão sobre o peito aos desgraçados!

Uma vez, percorria em phrenesí
a fama pelas turbas. Em distancia,
parece, respirava-se a fragrancia
das c'rôas da victoria. Portugal
mostrára-se inda egual
aos dias de Montijo e Montes Claros;
e o povo festejava com loucura
mais aquelle florão da nossa historia;
com os fumos da gloria
estampara-se em todos a ventura.

Margarida, essa ouvira com receio
a noticia: fatal presentimento
lhe viera sangrar dentro do seio;
e por fatalidade,
d'envolta co'os ruidos da victoria,
lembravam-se os heroes d'essa batalha,
e cantava-se a nenia da mortalha
pelos filhos da gloria.

Alberto era chorado pelas turbas:
a verdade
mostrou-se a Margarida num momento.

Ai dos que a dor assignalou na frente!
Lyrio crescido na espinhosa senda,
embora um dia aos silveiraes ascenda,
em breve o espinho lhe rasgou a flor!
Vejeta e cresce no martyrio insano,
em cada instante nova dor sentida,
tal como a vaga do tufão batida,
vivendo só d'essa continua dor!

Ai d'esses pobres que o areal percorrem
com lento passo de continuas dores!
Deserto immenso d'infernaes ardores,
é longa a estrada?... Caminhae sem fim!...
Não morrem, ficam; não se extinguem, vivem:
por sombra o lucto, por bebida o pranto;
que a morte fôra lenitivo sancto,
descanço eterno d'uma insomnia assim!

Tal sello da desventura
quadrava com Margarida.
Por mais profunda ferida
que lhe rasgasse a amargura,

parece que a Providencia
a guardava sobre o abysmo,
para continuo baptismo
no véo da sua innocencia.

Após immenso martyrio
ergueu-se convalescente,
a queimar-lhe sobre a mente
um pensamento sem termo.
Sabia que estava enfermo
o seu pobre trovador,
sem ter palavras d'amor
a mitigar-lhe o soffrer.
O seu dever
marcava-lhe a cabeceira
do leito do moribundo;
e foi... Pobre mensageira,
Deos te pague noutro mundo
a tua missão d'amor!

Agora, como o leitor
já tem diante a miragem
d'esta pagina sentida
na historia de Margarida,
siga commigo a viagem.

Amainara a tormenta. A madrugada
vinha rompendo em cantos festivaes,
como saudando em doces madrigaes
a paz da natureza. Em descantada

rompia a doce orchestra d'essas aves,
que se arroubam de mysticos amores,
ao verem da alvorada os resplendores.
Harmonisava em canticos suaves

a briza nos pinheiros. Era o incenso
que sóbe cada dia ao Creador
de toda esta harmonia, que o Senhor
implantou na obra do seu genio immenso.

Quando á voz de taes cantores
acordou a caminhante,
banhava o sol deslumbrante
a crista dos arredores.

Depois de noites d'inverno,
tão formoso despertar
assemelhava um altar
erguido ás portas do inferno;

que se a manhã deslumbrante
nos banha o peito em fulgor,
não ha na vida uma flor
que não viceje um instante!

Ao erguer-se Margarida,
veiu a briza com receio
lançar-lhe dentro do seio
d'essas montanhas a vida.

Vinha de longe a harmonia
das aguas d'uma cascata,
tecendo fios de prata
na c'rôa da penedia.

. . .

Ergueu-se a pobre em loucura,
nadando em extase o peito;
e sagrou a Deos o preito
da sua immensa ternura:

«Esta manhã de alegria
é como um riso d'esp'rança,
que me promette a bonança
d'este viver d'agonia.

«Abençoada, Providencia,
a vossa mão protectora,
que vos mer'ci — peccadora
a minha vez d'indulgencia!»

Lá segue o seu destino. Longas voltas
recortam a montanha. Ao longe a estrada
em perspectiva prende cêrro a cêrro.
A cada volta rasga-se o horizonte
em nova apparição. Distante fumo
ascende em espiraes, como de fogo
a columna mostrando aos Israelitas

a terra promettida. Cobra alentos
a pobre caminhante, o passo aperta.
Renova-se de sangue o peito exhausto;
mas lavra-lhe no seio, ha pouco alegre,
pavor indefinido. Segue a estrada.

Era um povoado em frente, visinhança
de Coimbra — visão doce, o Eldorado
do seu fadario triste Algumas casas
alvejavam de prata, em listas d'ouro,
que o sol tirava ás franjas do seu throno.
No centro um campanario se ergue aos ares
d'altivo corucheo; vistosa egreja
o prende do occidente. O seio trémulo
da pobre se agitou em sancto enleio.
Depois das tempestades d'essa noite
topava emfim com Deos: a Providencia
mostrava-se benigna... Corre á pressa.
Estava o templo aberto. Fervor sancto
de pia devoção impelle-a dentro.

CANTO VIII

O Abysmo

Era no templo festa, e festa de noivado,
incenso da nosssa alma aberta á luz do amor
que veiu em mez d'Abril — horoscopo doirado —
dizer ao coração: «floresce como a flor.»

Noivos, relêde o canto... Eu busco em treva densa
o sol dos corações, e em cada novo dia,
peregrino sem vista, a nuvem se condensa.
Fitae por mim o sol; que aos cegos alegria

é não desperdiçar-se o brilho das estrellas
que gyram como soes na eterna immensidade,
esperando talvez que um dia o brilho d'ellas
lhes cortará o véo d'atroz escuridade.

Festejo de noivado! Esparge os teus perfumes,
ó laranjal em flor! Redoma de fragrancias,
entorna-te no peito em balsamo dos numes!
Erguei, pombos, o surto ás divinaes estancias!

Borboletas d'amor, que a chamma não devora,
salamandras, medrae do thalamo no fogo!
Se o gozo vos matar, morrei de gozo embora:
quem morre de prazer reascende á vida logo!...

Era no templo festa, e festa de noivado,
incenso da nossa alma aberta á luz do amor,
que veiu em mez d'Abril — horoscopo doirado —
dizer ao coração: «floresce como a flor.»

Havia adorno esplendido
naquelle augusto espaço;
recamos d'ouro e purpura,
de virides florões,

em cada altar, prendendo-se
dos tremulos no abraço;
e em cada augusto symbolo
esplendidos festões.

Brilham fulgentes lampadas
do incenso entre os vapores
que sobem dos thuribulos
do templo ao sobrecéo;
e a cada altar, em cupula
de nitidos lavores,
o sobredoira mystico
docel d'argenteo véo.

Sobre o altar mór, em fulgida
cascata auriluzente,
os cirios nos reverberos
redobram de fulgor.
Acceso tabernaculo
é o sacrario em frente,
guardando em seus reconditos
a imagem do Senhor.

Suspira doce musica

em notas de alegria,
philtrando nos espiritos
tremente commoção,
como a cadencia unisona
de dulcida harmonia,
vibrando no psalterio
d'angelica mansão.

Os noivos — pombos candidos,
ou anjos d'outro mundo,
sorrindo quedam proximos
da escada do altar mór;
de vago anceio tremulos,
e, vasto mar profundo,
concentram como extaticos
no olhar represo amor.

Um d'elles — d'alva clamyde,
o rosto — manso lago,
nem sombra de crepusculo
lhe tolda a limpidez.
O outro — lyrio timido,
por entre o enleio mago
ás vezes nuvem rapida

lhe cruza; eu sei, talvez
sombra que rasga o tumulo
dos seus passados dias,
e vem, de negro involucro,
ao centro do festim,
sobre a parede esplendida
traçar as prophecias
d'algum abysmo erguendo-se
em seu futuro fim!

Deixae sorrir o amor ao incenso do delirio;
prestae culto ao prazer, leitoras, mas que o lyrio
não morra sem piedade.
Num seio generoso ha sempre dupla corda
que ou vibra de alegria, ou gemebunda acorda
endechas de saudade.

Em quanto a mim, porém, adoro em fanatismo
o naufrago na dor, o pobre sem baptismo
no inferno da desgraça.

Aos outros, porque o sol lhes fez brotar as flores,
basta-lhes a ventura; a estes só as dores
a compaixão embaça!

Por isso mais te adoro, ó pobre Margarida;
e prouvera ao Senhor pudesse a minha vida
remir a tua dor!...
Nem mais um riso aqui! Ao pé da desventura
é sacrilegio o riso; e eu sinto que me apura
um mystico fervor.

Entrara a pobre no templo,
trasbordando-lhe do seio
o religioso anceio
do balsamo da oração.
Lá fóra podia o mundo,
em seu desprezo profundo
por qualquer desventurada,
lançal-a fóra da estrada,
pisar-lhe a frente no chão.
Aqui não; que Deos é pae,
e vale-lhe mais um ai

regado em prantos no peito,
nas trevas d'alma disperso,
do que o esplendido preito
dos pod'rosos do universo.

Escondeu-se no recanto
mais sombrio d'essa egreja.
Talvez que receio seja
de que a esplendida cascata
das alampadas e cirios
lhe seque as bagas do pranto;
que a dor profunda retrata
a sentida flor dos lyrios,
que teme que o sol ardente
lhe seque orvalhos da aurora.

Ajoelhou-se então. Na mente
algum mysterio labora
de terrivel commoção;
que o pranto corre em torrente,
e, pelos sulcos da face,
indica fogo vivace
que sobe do coração.
Depois ficou abysmada

nem eu sei se no preterito
ou nas sombras do porvir.
Estatua galvanisada,
quedou de todo o sentir,
parou-lhe o peito que arfava,
ficou-lhe firme a pupilla.
E a quem a visse tranquilla,
immovel, fita, lembrava
que essa alma fôra de perto
implorar a Deos piedade
para a tremenda orfandade
do seu immenso deserto...
Dize, archanjo, que mysterio
teu vôo d'alma equilibra?
Talvez no eterno psalterio
falte uma nota que vibra
a favor da desventura,
e tu vás vibral-a agora.
Se assim é, por caridade
sê tambem a redemptora
do trovador, que te implora
por allivio d'amargura,
um raio de luz nas trevas!
Sou teu irmão no martyrio:

leva-me comtigo, ó lyrio,
no aroma que a Deos elevas!...

Corria a festa. Da harmonia esplendida
o som findara no int'rior da egreja;
nem aza leve de susurro adeja;
redobra o anceio do anhelado fim.
Fitam-se os noivos, que ajoelham candidos,
tremente o seio de volupia sancta,
e olhar repleto de magia tanta;
e cada ouvido se prepara ao — *Sim.*

Doce palavra que és a chave magica,
rasgando ao homem um futuro lauto!
Poucos te sondam, viajante incauto,
por isso o abysmo te sorveu sem dor!
Palavra doce, a cujo timbre os paramos
se rasgam novos ás visões do peito,
que seio joven ouvirá sem preito
as leves notas do teu som d'amor?!...

Erguei, ó noivos, essa frente púdica,
pulse com força vosso peito ancioso!
Sois um do outro: infinito gozo
acena agora no porvir feliz.
Erguei a frente, que vos fitam sofregas
todas as vistas do cortejo immenso!
Deoses da festa, requeimae o incenso
d'esse louvor nos corações febris!...

Da egreja no pavimento
batera lugubre grito...
Ó meu Deos, que soffrimento
pesado, intenso, infinito
vai na concisa elegia
d'esse gemer! Certo havia
ruina inteira d'um seio,
que se quebrou pelo meio
naquelle grito infernal.

Trocou-se o prazer da boda,
incendida ha pouco toda
numa harmonia tão leda,

por alarido geral,
como d'um raio na queda;
que jaz um vulto no chão...

Silencio! Por caridade
pedí a Deos essa vida,
que é da pobre Margarida.
Orae, orae com fervor,
ou algum raio aniquila
em todos vós a maldade:
pois quando um anjo vacilla,
accende a ira o Senhor.
Se existe um crime no mundo
que aos anjos guerra assim trama,
que esse outro reptil immundo,
para nossa redempção,
não sáia nunca da lama...

Prostrae-vos todos no chão!

Silencio! Qual esse ousado
que assim profana de perto
aquelle grito magoado?
Oh! sim, és tu, desgraçado!

Ai! pobre de ti, Alberto!
Eu bem vejo que tormento
te ruge em ondas no peito;
mas Deos não perde um momento
que não subverta desfeito
de qualquer anjo o assassino.

Silencio! A dor d'esse pobre
que se quebrou no destino
da sua senda d'abrolhos,
deve achar echo nos peitos,
deve ter pranto nos olhos.

Lança Alberto o olhar absorto,
mais e mais empallidece,
Gelado, em pé, semi-morto,
estranho a tudo, parece
vergado já sob o pêso
da tremenda punição.
Fita ainda o olhar, acceso
na ardentia do delirio,
sobre a estatua do martyrio
que jaz cahida no chão.
Recruza-lhe sobre a frente

em relampago infernal
nem sei se o remorso ardente
ou se a loucura fatal.
Depois, como que levado
por electrica moção,
tombou de chofre no chão
ao pé da estatua cahida.
Estuda em fundo martyrio
essa frente amortecida;
as mãos lhe aperta em delirio,
e, entre os prantos magoados,
ainda um resto de vida
lhe sai dos labios gelados:

«Perdôa, Margarida; tem piedade
do fogo que me queima o coração!
Volta á vida, mulher, por caridade...
Eu não posso viver sem teu perdão,

«e sei que perdoavas o meu crime;
que estou bem castigado neste inferno
que sinto dentro d'alma, e que me opprime
na ardente chamma d'um pungir eterno.

. .

«Não perdôa talvez Deos ao malvado
que tem de castigar: mas tu és boa;
e, perdoando tu ao desgraçado,
eu creio até que Deos tambem perdôa.

«Que é grande a minha culpa eu bem conheço
na dor que me consome. Fui na frente,
onde a luz d'anjos realçava o preço,
cuspir a baba de cruel serpente!

«Mas perdôa-me tu: por Deos t'o rogo;
que talvez fosse a sina d'esta vida
que me perdeu; e eu morro d'este fogo,
se tu me não perdôas, Margarida.»

Cruzou no rosto amortecido e pallido
da pobre inerte, nesse chão cahida,
subtil vislumbre que semelha a vida,
e os labios roxos descerrou tambem.
Aos olhos veiu-lhe um fugaz relampago...
Talvez que Deos lhe reanimasse a frente,
milagre novo, resurgindo um ente
para descanço d'esse pobre alem.

«Adeos, Alberto!... Não chores!
Foi maldicta aquella sina
que nos junctou na collina
do mesmo abysmo infernal.
Que Deos perdôe, se ha crime,
e se não foi o meu fado
que te perdeu, desgraçado,
ao meu contacto fatal.

«Pede ao céo que te desconte,
por meu viver de torturas,
esse calyx d'amarguras
que te promette o porvir...
Porem não chores, que eu sinto,
ao ver-te o pranto nos olhos,
mais agudos os abrolhos
d'esta existencia a partir.»

Passara longo tempo. A estancia lugubre
foi-se despovoando pouco e pouco.
Ia morrendo a luz. Olhar de louco,

o rosto de medonha contracção,
acurvara-se Alberto sobre o marmore,
ao pé d'esse anjo que deixara a vida,
cingindo as frias mãos de Margarida
em delirio febril ao coração.

Outro anjo proximo, inundado em lagrimas,
livido, absorto, descahida a frente,
no véo d'esse mysterio vê sómente
que a ventura lhe morre alli tambem.
Ai! victima innocente, negro horoscopo
te arrebata na queda do teu noivo!
Tu foste como a triste flor do goivo,
que á lousa funeral prender-se vem.

Convulso chôro lhe rebenta indomito;
a frente aperta, represando as dores.
Os olhos fita no estendal d'horrores
que tem diante; e a definhada tez
de cadaver se torna. Emfim galvanico
tremor nervoso lhe sacode o seio;
debruçou-se no chão, e em pranto cheio
regou o pobre que lhe estava aos pés.

«Ó meu Deos, que immenso crime
eu tive para comtigo!
Para tão grande castigo
que mal a pobre te fez?...»
E após um fundo silencio,
conchegando-se mais perto:
«Não me conheces, Alberto?...
Sou Adelaide, não vês?...»

Galvanisou-se o triste. A luz d'um raio
faisca-lhe no olhar; contrahe a frente;
e, do delirio ao fogo escandescente,
se retrahiu ao proximo desmaio.
Fitou por longo espaço
essa Adelaide que chorava ao pé;
e depois, despertando do cansaço
que o marasmara em sepulchral quebranto:
«Quem é
que me vem acordar com esse pranto
a noiva adormecida sobre o leito?
Silencio! que a folia do noivado
mal a deixou dormir, e sobre o peito
domina-me o cuidado

do pobre archanjo que roubei ao céo!
Ah! sim, és tu... Que vem fazer, senhora,
entre o festim das bodas? Não perdeu
essse desejo de arrancar-me d'alma
o pobre lyrio que a raiz vigora
do meu amor na calma?...»

A vista incerta se aclarou um pouco:
sobre o rosto veloz transformação
se estampara tambem; ao olhar de louco
succedera mortal resignação.

«Por Deos, perdôa, Adelaide,
o meu delirio de ha pouco.
Sinto que o fogo de louco
me requeimava infernal.
Parece-me vir d'um sonho,
em que senti sobre o peito
o frio marmor do leito
na jazida funeral.

«Por tua causa, Adelaide,
quebro a lousa do jazigo,

para abraçar-me comtigo
no mesmo abraço de dor...
Somos dois astros perdidos!
Tu que a minha orbita enreda;
eu a arrastar-te na queda
do meu destino traidor!

«Vivamos pois d'este inferno,
cavado aos pés um abysmo!
Talvez eu ache o baptismo
nesse teu pranto, infeliz.
Grande é a pena que mereço;
mas talvez Deos, que me sente,
por tua cruz, innocente,
perdôe o crime que fiz!»

Eis percorrido o estadio. Por despojo
um cadaver nos fica sobre a arena.
Cançados da batalha,

quasi nos ficam dois, em triste antojo
de o peito resarcir da lucta infrena
no somno da mortalha.

Um d'elles não podia, como o lyrio,
sem sol viver; erguido na collina,
a aragem agitada
lhe devera arrastar como em delirio
as petalas na encosta: qual bonina
quebrou-se na geada!

Não quizera o Senhor que a frente d'anjo
mais recravasse o espinho longos dias.
Estava o calyx cheio;
e o reprobo, sostido ao pobre archanjo,
precisava libar mais agonias,
quebrado o seu esteio!...

Sosinho o outro, e dentro d'alma o inferno,
ergueu-se ainda em contricção sublime;
e ao fogo do delirio
abençoou em lagrimas o Eterno,
que dava por cadinho do seu crime
um tão atroz martyrio.

Depois quiz ir pedir ao cemiterio
de seus já mortos paes a sepultura
para o filho maldicto;
para que ao menos o ultimo er'miterio
da expiação, lhe fosse a terra pura
do seu primeiro grito.

Mandara Deos porem libar o cumulo
da dor ao infeliz! Se o proprio em vida
tinha o abysmo cavado,
era tambem mister gravar no tumulo
inda extremo signal da mão erguida,
que fulmina o peccado.

Arrojara-o por isso a tempestade
sobre a praia — que até nem para vasa
sorvel-o o mar quizera —
para ter por escarneo da saudade
as lagrimas da espuma, que extravasa
como elle a sua esphera...

Ergamos uma cruz sobre esta areia;
que jaz aqui o pobre sem um pranto!...
Por supplice oração
que Deos aceite a dor que me lancêa:
por incenso os suspiros; e o meu canto
por cantico d'irmão.

FIM.

INDICE

—

		Pag.
Canto I	— O Naufragio	1
Canto II	— Estrellas e Flores	17
Canto III	— O Adeos	37
Canto IV	— A Batalha	51
Canto V	— Orvalho Celeste	69
Canto VI	— Sobre o Lago	89
Canto VII	— A Via Dolorosa	111
Canto VIII	— O Abysmo	129